



O Grande desafio

Pedro Bandeira

Toni, o nosso herói, é um menino quase da sua idade. Estuda, gosta de computadores, de música, natação e, como você, está dando os primeiros passos nos caminhos do amor. Carla é a garota por quem está apaixonado. Mas como, ele que por vezes se sentia tão inseguro, poderia declarar sua paixão.

A chance de mostrar seu valor veio com a prisão do pai de Carla, seu Afonso, o contador da escola. Toni resolveu ajudá-la. juntos se envolveram nas mais emocionantes e surpreendentes aventuras. Ninguém diria que o valente e perspicaz Toni era privado de um sentido.

Confesso que me emocionei com Toni: com certeza, ele nos ensina muito.

Quantas vezes nos sentimos desmotivados diante da vida, sem ter uma razão realmente forte como a dele? E, apesar das dificuldades, Toni não desiste: luta com coragem e determinação para vencer o grande desafio.

Você também vai gostar desta história e se surpreender com o final. Além disso, como eu, terá uma ótima oportunidade de reflexão. De rever os sentidos de sua vida.

Além de uma história de mistério, esta é a história de Toni, um garoto muito

especial. As qualidades que eu criei para este personagem são a soma de várias características que se encontram em muitas outras pessoas especiais como ele. Toni é alguém que, apesar de não ter tudo o que os outros têm, consegue conquistar muito mais. E quantos de nós, que nascemos com tudo, quantas vezes não nos queixamos e nos sentimos infelizes e incapazes? Espero que Toni possa fazer você encontrar forças dentro de si mesmo para enfrentar a vida com confiança e alegria.

Pedro Bandeira

1 — Algemado como um marginal?

A pergunta continuava a ressoar dentro da cabeça de Toni: por quê?

Seu Afonso, preso? Por quê? Acusado de quê? Como é que o contador da escola podia ter sido levado da sala da diretoria por dois policiais, algemado como um bandido qualquer? Logo o contador do Colégio Professora Cidinha Moura, o instituto de educação mais antigo e famoso da cidade?

Seu Afonso, preso! O pai da Carla, aquela menina maravilhosa da outra oitava... A linda Carla... Toni sabia que ela era linda, que era a mais linda de todas as garotas da escola...

O garoto só não sabia o que pensar...

"Ainda ontem à noite... eu... com a mamãe... falamos do seu Afonso... e... e da Carla! Por causa do baile do fim do ano... Eu estava tão feliz... Comecei até perguntando por que mamãe nunca mais namorou..."

— Por que você nunca mais namorou, mãe?

— Ora, Toni! Isso é coisa que se pergunte à própria mãe?

— Se a própria mãe está viúva há oito anos, é para a própria mãe que eu tenho de fazer essa pergunta, não é?

— Tem muito "própria mãe" nessa frase, meu filho!

Os dois riram.

O pequeno Chip, deitado no tapete, olhava como se tivesse entendido a brincadeira.

Pelo menos em muitas das noites era assim. Depois que a mãe voltava do trabalho no hospital, os dois jantavam juntos, conversando sem parar, e ligavam o som. Dançar era antiga paixão da mãe, introduzida desde cedo na educação de Toni.

Marta era ainda uma bela mulher, nos seus pouco mais de trinta anos. Passara um quarto de sua vida como viúva e, pelo jeito, passaria mais. Trabalhava como enfermeira durante o dia inteiro e ia conseguindo transformar em homem o menino que o pai deixara órfão há oito anos.

Toni sabia que o casamento dos pais tinha sido curto. Pelo jeito, a morte não gosta de felicidades perfeitas... Marta parecia viver somente das recordações desse casamento que o passar do tempo tornava cada vez mais perfeito: a memória teima em esquecer detalhes ruins que poderiam prejudicar a lembrança do que se gosta de lembrar.

E Toni era a lembrança do marido de que ela mais gostava.

— Hum... Como você está guiando bem, meu filho...— cumprimentou a mãe quando a música chegou ao fim.— Ah, agora lembrei: preciso preparar você para a festa do fim do ano!

— Que festa, mãe? A do centenário do Cidinha?

— Ai, Toni! Você esqueceu que a festa do centenário da escola coincide com a sua festa de formatura? E eu ainda não te ensinei a dançar valsa!

O rapaz fez cara de chateado:

— Valsa, mãe?! Mas que velharia!

Desde pequeno, desde que o pai era vivo, Toni tinha aprendido a gostar de música. De todo tipo de música, mas, depois que atingira a adolescência, seu gosto estava mais para popular do que para clássicos.

Marta não ligou para a objeção do filho e pôs-se a procurar na pequena estante.

— Você estuda num colégio tradicional, querido. Ninguém pode imaginar um baile de formatura no Cidinha sem valsa...— afastou as fitas e começou a examinar uma pilha de velhos discos.— Deixa ver... valsa eu só tenho em vinil... Há quanto tempo a gente não ouve esses discos! Aqui está: Valsas inesquecíveis Johann Strauss!

— Valsas inesquecíveis, mãe...? Isso todo mundo já esqueceu faz tempo...— mentiu Toni, que já ouvira aquele disco umas mil vezes.

Marta ligou o toca-discos. Um som de violinos, cheio de chiados, preencheu a sala e a mãe aproximou-se do filho. O rapaz sorriu, aceitando o jogo. Tinha extrema facilidade para aprender novos passos e, depois de duas voltas, já estava guiando a mãe em círculos pela pequena sala da casa.

A mãe fez uma cara gozadora:

— Não é gostoso, Toni? Em toda formatura tem valsa. A das madrinhas é minha. E com quem você vai dançar a valsa dos namorados?

O rapaz parou de dançar subitamente.

— O que foi, filho?

Toda a alegria do momento parecia ter desaparecido. O rapaz ficou vermelho e explodiu:

— Eu não sou como os outros, mãe! Nunca poderei ser como os outros! Quem vai querer namorar alguém como eu?

Já estava mais calmo quando a mãe saiu do quarto, depois de beijá-lo. Ela sabia como animar o filho. Repetiu mais algumas vezes que ele era igual a qualquer um, que poderia fazer o que quisesse na vida. Não freqüentava a melhor escola da cidade? E sempre se saindo muito bem, embora fosse o único aluno "especial" que já tinha estudado no Cidinha em todos aqueles cem anos? Não tinha até conseguido aprender a usar computadores, enquanto a maioria de seus colegas ainda estava só nos videogames? Não dançava melhor do que qualquer um? Não nadava melhor do que todos?

O único aluno "especial" do Cidinha! A moderna pedagogia, para garotos como ele, recomendava a educação integrada e não segregada. Tradicionalmente, a direção reservava uma parte de suas vagas para bons alunos sem recursos, mas só Toni, além de bom aluno e de não ter recursos, era "especial". O Cidinha era duro demais e continuava recusando-se a ampliar as vagas para outros como ele. Toni era uma exceção na história daquele colégio.

Chip dormia quietinho, ao pé da cama, sempre no mesmo lugar, ao lado dos chinelos do garoto.

Toni começou a sentir o sono chegar, acariciando a idealização daquela menina que ele acompanhava há anos no colégio, sem nunca ter encontrado coragem para abordá-la. Daquela menina, filha do seu Afonso, o contador da escola. Daquela menina com quem ele gostaria de dançar a tal valsa. Daquela menina com quem ele gostaria de viver o resto da vida: Daquela menina chamada Carla...

Já tinha aprendido o que queria dizer "amor platônico", mas não era esse tipo de amor que ele gostaria de trocar com Carla. Ah, ele queria mais, muito mais!

O cachorrinho ressonou, como se sonhasse. Alguém como Toni poderia sonhar com a chance de um dia ter Carla a seu lado?

Sonhou que sim.

2 — Por favor, confesse!

No início da semana anterior, sentado na ponta da cadeira, seu Afonso suava, sem saber por onde começar. À sua frente, do outro lado da escrivaninha de quase cem anos, recostado no espaldar alto da poltrona moderna que contrastava com o clima de museu da sala da diretoria, o diretor ouvia, sem nada demonstrar na expressão do rosto.

— Bem, o senhor compreende, não é? Sou o contador do Cidinha desde que me entendo como adulto, mas foi muito difícil aprender a lidar com os novos sistemas de computação...

— Muito bem, mas por que o senhor convocou os auditores?

— Foi uma decisão difícil, mas...

— Mas o quê? Por que convocou os auditores para examinar as contas do colégio sem uma autorização expressa da diretoria?

Seu Afonso passava o lenço pelo rosto, pelo pescoço, sem coragem para encarar o interlocutor de frente.

— É que... eu sempre tive autonomia completa na contabilidade... O professor Frederico...

— Papai está no hospital. Em coma profundo.

— Sim... mas eu achei que estava fazendo o que ele gostaria que eu fizesse...

— O senhor tomou uma decisão drástica como esta só com base no que "achava"?

— Não foi bem assim... custei a entender o uso dos computadores, mas eu tinha quase certeza de que havia um desfalque na contabilidade do colégio... As contas estavam alteradas, grosseiramente alteradas, eu diria... Quando consegui destrinchar aquele mundo de desenhinhos, de janelas, de "edits", de "formats", de "files" e não sei mais o quê, as alterações ficaram claras. Não parece coisa de alguém que entenda de balanços...

O diretor levantou-se. Estava calmo, como se a revelação de um grande desfalque nas contas do Cidinha fosse um acontecimento normal. Bruscamente, mudou de assunto:

— O senhor teve dificuldade com os computadores, seu Afonso? Mas eles são o futuro! Os tempos mudam, caro amigo. O que o Cidinha precisa é de métodos mais

modernos.

— Bom... até agora, os velhos métodos do colégio...

— Desculpe, seu Afonso— interrompeu o diretor.— Não serei eu quem pretenda lhe dar lições de vida. Mas acho que, para ver o que há de errado numa estrutura caduca, é preciso ter vindo de fora.

O contador calou-se. De repente, o diretor encarou-o:

— E sua esposa, seu Afonso? Como está indo?

O contador mudou de tom. Da apreensão pelo que viera relatar ao diretor passou para o desânimo que atormentava sua vida.

— Não está nada bem... A doença dela é muito grave... É o fígado, sabe?... E o tratamento... caro demais! Ela precisa tomar remédios caríssimos, importados, durante um ano... Já vendi o carro... Um carro velho... não cobre nem dois meses de tratamento...

— O tratamento custa tão caro assim? — interrompeu o diretor.

— Se custa! Mais de um ano de meus salários...

— E o convênio médico dos funcionários da escola não cobre esses remédios, não é?

— Não... o contrato do convênio não cobre tratamentos ambulatoriais... Só internações, cirurgias...

— Quer dizer que o senhor precisa de dinheiro? De muito dinheiro, não é?

— S-sim...

O diretor fez uma pausa. Deixou passar um largo momento de silêncio, preparando o clima do quealaria em seguida.

— Se o senhor precisa tanto de dinheiro, e com tanta urgência, seu Afonso, muita gente poderia pensar que foi o senhor mesmo quem deu o desfalque para conseguir o dinheiro, não acha?

O contador levantou-se, de um salto:

— Eu?! Isso nunca! O que é que o senhor está dizendo? Nunca toquei em um tostão do Cidinha em toda a minha vida!

A mão do diretor levantou-se, espalmada, apaziguadora:

— É claro que não, seu Afonso, é claro que não. Sei muito bem que o senhor não praticou o desfalque nem nunca praticaria. O que eu quero fazer é uma proposta para o senhor...

O diretor aproximou-se, apoiando amigavelmente a mão no ombro do homem mais velho, que o olhava sem entender o que estava para acontecer.

— Seu Afonso, e se eu conseguisse esses remédios de que sua esposa precisa?

O olhar do contador brilhou e um sorriso de gratidão estampou-se em seu rosto.

— Os remédios? O senhor poderia...?

— É claro que eu poderia, seu Afonso. Afinal de contas, o senhor é um dos mais antigos funcionários do Cidinha.

— Obrigado... nem sei como...

— Como agradecer?— interrompeu o diretor. Mas existe um modo muito simples de agradecimento.

— Qualquer coisa... é só o senhor dizer...

— Eu quero que o senhor confesse que foi o senhor quem deu o desfalque.

O rosto do contador ficou branco:

— Como?!

Os dois homens estavam de pé, encarando-se. Ainda mais fraternal, o diretor apertou-lhe carinhosamente o ombro:

— Como eu disse. Basta confessar que foi o senhor mesmo quem desviou dinheiro da contabilidade do Cidinha.

— Mas isso é um absurdo! Eu...

— Não é um absurdo, seu Afonso. É uma saída lógica e nem muito complicada. Veja: se o senhor confessar, a escola pagará os melhores advogados para tentar reduzir sua pena. E, pelo seu passado, pela condição crítica de sua mulher, qualquer juiz haverá de condená-lo a uma pena leve, talvez o senhor possa até cumprir a pena em liberdade. E, durante todo esse tempo, eu cuidarei de sua família como se fosse minha. Nada faltará à sua mulher e à sua filha, eu lhe garanto. Seu emprego no Cidinha continuará garantido, a bolsa de estudos de sua filha continuará em vigor e o senhor terá sua mulher sadia de novo. O que me diz?

A boca do contador estava aberta, acompanhando o arregalado de seus olhos.

Seu Afonso mal podia acreditar no que ouvia:

— Nunca! Eu nunca faria isso! Minha honestidade é...

— É maior que o amor que o senhor tem por sua mulher?

— Isso não vem ao caso! Eu jamais confessaria uma coisa dessas!

O diretor sorriu, de um modo superior:

— Não? E se eu o acusasse do desfalque?

Seu Afonso começava a tremer, apavorado:

— Me acusar? Como assim?

— Em quem todos acreditariam? Na diretoria do Cidinha, que merece o respeito da comunidade há quase cem anos, ou no senhor, que todo mundo sabe que nem consegue dormir pensando em um modo de conseguir dinheiro para o tratamento de sua mulher?

— Se o senhor me acusar, eu posso provar que não fui eu! E nenhum juiz me condenará! Serei absolvido!

— Será? Mas o senhor perderá o emprego.

— Posso arranjar outro!

— E quem iria contratar um contador que já foi julgado por desfalque?

Seu Afonso calou-se. Pálido, trêmulo, desabou, afundando-se na cadeira.

— Acho que, sem dinheiro para bons advogados, dificilmente o senhor escapará da condenação. Nesse caso, é provável que a pena seja maior. Durante ela, talvez sua filha tenha dificuldades de encontrar um bom colégio para continuar os estudos.

E, infelizmente, no final dela, talvez sua esposa não esteja mais viva...

O rosto do contador afundou-se nas mãos.

— Compreenda, seu Afonso. Só estou querendo ajudá-lo. Se fizer o que eu estou pedindo, todos saem ganhando. O desfalque será esquecido e sua esposa viverá...

Caminhou até a estante e de lá retirou um livro. Voltou com passos lentos e estendeu-o para o contador.

— O senhor conhece este livro, seu Afonso? É um lindo romance... antigo... Chama-se Beau geste. Quer dizer "belo gesto", em francês... É a história de três irmãos, muito unidos. Um diamante valiosíssimo, pertencente à família há gerações, desaparece. Cada um dos irmãos, pensando que o roubo fora cometido pelo outro, assume a culpa e foge para alistar-se na Legião

Estrangeira e lutar na África em busca do esquecimento e na esperança de salvar o irmão. Lindo gesto, não?

Seu Afonso começou a chorar.

3 — Novas cabeças no velho colégio

Naquela tarde, ainda lembrando da sessão de valsas de Strauss da noite anterior, Toni tinha voltado ao Cidinha depois do almoço para consultar a videoteca.

Seu grupo só teria de entregar o trabalho de História dali a duas semanas, mas o

rapaz gostava daquela sala, normalmente pouco freqüentada durante a tarde.

Ficava horas por lá, ouvindo repetidas vezes as informações do imenso acervo de documentários em vídeo e anotando tudo o que precisava. Mais tarde, digitaria caprichosamente sua parte do trabalho na sala de computação. Se todos também fizessem sua parte naquela semana, ele, que estava encarregado da redação final, poderia entregar o trabalho até antes do prazo.

Sua mãe tinha razão: ele era capaz de fazer tudo o que os outros faziam. Bem... quase tudo...

Além das gravações da National Geographic, havia vários vídeos da BBC sobre História e outros conseguidos pelos professores do Cidinha na TV Educativa.

As horas voaram. Toni decidiu-se por um intervalo e resolveu dar uma volta, depois de tomar água no bebedouro do corredor. Se tivesse dinheiro, daria um pulo à cantina, mas...

Desceu um lance de escada até o térreo e entrou na biblioteca.

Sabia quais os livros que ajudariam o grupo no trabalho de História. E era muito fácil achá-los, pois a bibliotecária-chefe tinha verdadeira mania pela organização: cada volume podia ser encontrado sempre no mesmo lugar, na mesma estante. E o Colégio Cidinha Moura, antigo, imenso, tradicional, possuía uma das melhores bibliotecas da cidade.

Toni adorava manusear aqueles livros calmamente, folheando cada volume, tateando-os e imaginando seu conteúdo.

Sentou-se com os livros perto de uma das janelas da biblioteca. Com prazer, aspirou o perfume do papel, da encadernação, da lombada, podendo perceber quais dos livros eram mais velhos e quais tinham sido recentemente adquiridos pelo colégio.

Como acontecia de uns tempos para cá, o pequenino Chip tinha ficado no jardim, muito quieto, à fiel disposição do seu dono. O doutor Laércio Moura, um dos dois novos diretores, consentira alegremente com a permanência do vira-latinha na escola.

O jovem doutor Laércio, filho do professor Frederico, a quem os alunos se referiam como "O Velho", era muito diferente do pai. Bem mais compreensivo e muito mais moderno. E realista o suficiente para entender que o cãozinho de Toni era mais disciplinado do que a maioria de seus alunos... A "flexibilização" daquela regra foi ótima para Chip e para Toni, pois um não sabia viver longe do outro.

Grande amigo, o doutor Laércio!

Num canto da ampla biblioteca, uma funcionária digitava furiosamente o teclado

de um computador. Bem, poderia ser um funcionário, mas Toni sabia distinguir o cheiro de um homem do perfume de uma mulher.

"E deve ser bonitinha, essa daí...", imaginou o rapaz, sorrindo e lembrando-se que o Cidinha decididamente tinha entrado em uma nova fase, desde que o professor Frederico introduzira o filho e o genro na administração, começando a preparar a própria aposentadoria e a continuidade do colégio.

O doutor Laércio Moura era um apaixonado pela educação. Vivia em contato com os alunos e imaginava um novo Cidinha, mais moderno, mais descontraído, mais criativo. Os professores jovens o adoravam, e os conservadores não conseguiam ir contra ele. A simpatia do jovem diretor era contagiante.

Gustavo Marcondes, o genro, um sujeito sempre bem vestido, era pós-graduado em administração de empresas e fanático pela modernidade. Parecia interessar-se somente por tecnologia e pelas finanças e mostrava-se totalmente ausente nas relações com os alunos. Continuara fazendo parte da família, mesmo depois que dona Verônica Moura Marcondes, sua esposa e filha mais velha do professor Frederico, morrera num desastre de automóvel, no início daquele ano.

O genro iniciara uma verdadeira revolução tecnológica, sentida em cada canto do colégio. Os computadores tomavam conta de tudo, vencendo o horror do professor Frederico pelas inovações. Gustavo até mandara importar uma impressora em Braille, para facilitar o acesso de Toni ao uso dos computadores. Uma impressora que, ao invés de imprimir em tinta, produzia pequenos relevos no papel! E, o que era melhor, no computador que Toni usava havia sido instalada uma placa de som especial, um sintetizador de voz, com uma vozinha de mulher que repetia suavemente cada tecla que o rapaz apertava...

A presença daquela digitadora na biblioteca era só mais um dos exemplos das mudanças introduzidas por Gustavo. Todo o imenso acervo de livros, até o final do ano, estaria cadastrado em computador e os complicados arquivos de fichas seriam aposentados, provavelmente junto com o velho diretor — se o professor Frederico sobrevivesse.

Coitado do Velho! Em coma, em um hospital, depois do fatídico acidente que sofrera caindo das escadarias da escola, há exatamente duas semanas... Toni lembrava-se de ter ficado estudando na videoteca naquele dia até pouco depois das seis horas. No dia seguinte, todo mundo no Cidinha soube que, na noite anterior, o professor Frederico escorregara e caíra das escadas do terceiro andar... Naquela idade, será que ele conseguiria se recuperar? E voltar a dirigir o colégio com sua mão de ferro?

Aquele velho professor, há vinte anos responsável pelo sucesso e pela respeitabilidade do Cidinha, era severo demais. Tinha sabedoria para dar e vender, mas faltava-lhe um pouco de cintura para compreender certas coisas e permitir que algumas regras não tivessem de ser tão rigidamente obedecidas. Alto, com sua vasta cabeleira branca sempre despenteada, o Velho ostentava a severidade de um maestro capaz de reger uma orquestra sinfônica apenas com o rigor do olhar.

Trabalho de História... Toni sabia que estudar no Cidinha era participar da história da cidade. A famosa educadora Cidinha Moura fundara aquela escola há quase um século. Trisavó do professor Frederico Moura e tetravó do doutor Laércio Moura e de dona Verônica Moura Marcondes, a falecida esposa de Gustavo, seu busto austero, sério e carrancudo dominava em bronze a entrada do colégio, como um guarda sempre vigilante.

A disciplina, no Cidinha, era dura como a estátua de sua fundadora. Mas era um colégio bom de se estudar. O melhor da cidade, procurado pelas elites desde sua fundação. Ou por quem tinha a sorte de conseguir uma bolsa de estudos total, como Toni...

Há cinco gerações, a família Moura vinha se sucedendo na direção e fazendo o Cidinha crescer, sempre aplicando a maior parte dos lucros na ampliação do colégio. Desse modo, a família Moura nunca enriquecera, mas era dona de um colégio imenso, que ocupava vários quarteirões na zona mais valorizada da cidade.

O Velho, agora no hospital — diziam que com muitas fraturas! —, talvez não mais pudesse voltar à direção. Até o ano anterior, todo mundo sabia que a nova diretora seria sua filha Verônica, ativa professora do Cidinha desde a adolescência. Mas, depois de sua morte tão trágica, a sucessão lógica seria o doutor Laércio, pois Gustavo, o genro viúvo, parecia interessar-se mais por dinheiro do que por educação. No entanto, até que esse momento chegasse, o colégio parecia bem-estruturado com os dois novos diretores: um ocupado com administração e tecnologia e o outro preocupado com educação.

O fato era que, nas mãos pedagógicas do doutor Laércio e com a tecnologia moderna de Gustavo, o Cidinha já estava mudando de figura.

O genro acreditava também em propaganda e, pela primeira vez em sua história, aquela tradicional instituição de ensino anunciava suas qualidades nos jornais, nas rádios e na televisão. Comentava-se que Gustavo sonhava em fixar o Cidinha como uma marca que poderia ser licenciada em todo o país, multiplicando a escola original em uma centena de novos Colégios Professora Cidinha Moura, espalhados pelos quatro pontos cardeais.

E o que pensava o professor Frederico de tudo isso? Toni lembrava-se de ter ouvido uma discussão entre o Velho e o genro certa vez em que passava pelo largo

corredor, em frente à porta entreaberta da sala da diretoria...

4 — Comércio ou educação?

— O que importa ao Cidinha Moura é a qualidade, Gustavo, não a quantidade. Há quase cem anos é isso que caracteriza nosso colégio: a qualidade de ensino!

— Qualidade custa dinheiro, papai — respondia a voz segura do administrador de empresas, que chamava o sogro de pai. — O Cidinha pode se tornar uma mina de ouro, o senhor não percebe?

— Isto é uma escola, Gustavo. Um sonho de educadores, não de mineradores!

— Ora, papai! Onde está o mal em alardear as qualidades centenárias do Cidinha? A publicidade, hoje em dia, é...

O Velho interrompia:

— A melhor publicidade é o respeito que nossa família conquistou nessa cidade, Gustavo! Há quase cem anos!

A voz do genro não se alterava, argumentando com paciência, como se falasse com uma criança que custa a entender as coisas:

— Chega de falar em séculos, papai. Veja, por exemplo, a questão das apostilas...

— Não me venha novamente com essa história de apostilas! Somos uma escola, não uma editora!

— O Cidinha pode produzir apostilas a baixo custo, papai. Assim, quando licenciarmos a "marca" Cidinha em todo o país, nossas apostilas terão um mercado cativo, que...

— O Cidinha não é uma marca de lanchonete, Gustavo!

— Ora, papai...

— E veja aonde seus gastos com publicidade estão nos levando: em toda nossa história, nunca estivemos em dificuldades financeiras tão críticas como agora!

— Investimentos em publicidade podem custar a dar retorno, mas acabam multiplicando os lucros como o senhor jamais poderia imaginar. Veja que já agilizamos muita coisa aqui dentro com os novos computadores!

— Bah! Máquinas modernas! O conhecimento não é moderno, Gustavo. É eterno!

O genro fazia uma pausa. Depois, falava com desânimo na voz:

— É papai... pelo jeito, instalar computadores no Cidinha não é o suficiente. Não

bastam as máquinas serem modernas. É preciso que as pessoas também o sejam...

Lembrando-se daquela conversa, Toni sorriu para si mesmo, ao pensar que só agora, depois da entrada dos novos diretores, sua presença naquela escola estava sendo aproveitada como propaganda. Lembrou-se da entrevista que Gustavo dera à televisão, falando do sucesso de um aluno como Toni, que estudava desde pequeno numa escola não especializada:

— No Cidinha, formamos alunos especiais — dissera o diretor à entrevistadora. — Esse menino que eu citei já é capaz de dominar o uso dos computadores com apenas quatro meses de treinamento. Conhece o teclado de cor e digita qualquer texto, apesar de...

Aquela tinha sido uma forma de Gustavo anunciar que sua escola era uma verdadeira fábrica de "milagres educacionais"...

Toni tinha gostado de ser citado na televisão.

"É... os jovens entendem melhor de propaganda do que os velhos...", pensava Toni, apoiando o cotovelo na janela da biblioteca.

Deitado no jardim a poucos metros do prédio, descansando a cabeça sobre as patas, Chip observava seu dono. E o garoto sentia a presença do cão, lá fora. Chip o compreendia. Como qualquer pessoa. Às vezes muito melhor que muitas pessoas.

E foi daquele ponto de observação que Toni ouviu a sirene e a freada na frente do portão principal...

Ouviu alguém bater a porta do carro e, logo em seguida, uma voz gritando para o porteiro:

— Polícia!

5 — O que a polícia tem a ver com escolas?

O garoto passou daqueles pensamentos à preocupação: o que viria a polícia fazer ali? O que a polícia tem a ver com escolas?

Volteando as mesas, Toni saiu apressado da biblioteca e chegou ao largo corredor interno no momento em que percebia dois homens passando por ele.

Notou que um deles era mais velho e ofegava. O outro, mais jovem e mais afobado, sacudia nas mãos um objeto metálico. Se eram policiais, aquele objeto só poderia ser... um par de algemas! "Algemas?!"

O coração de Toni disparou. Encostou-se na parede do corredor e ficou à espera, sem ousar aproximar-se da porta da diretoria, por onde ouviu os policiais sumirem.

Não precisou esperar muito. A porta logo se abriu e os dois homens saíram, arrastando um terceiro pelo corredor. Os policiais levavam preso alguém da escola!

Quem? Toni, como se fosse sem querer, deu um passo à frente, justo na hora em que os três chegaram ao ponto onde ele estava. O pequeno grupo quase esbarrou no rapaz e, mesmo antes de ouvi-lo, Toni já sabia que era seu Afonso que os policiais arrastavam algemado pelo corredor. Misturado com o cheiro enjoativo do chiclete que um dos policiais mascava, o aroma de fumo de cachimbo impregnando o terno do contador era inconfundível.

A voz de seu Afonso veio num fio, reconhecendo o aluno:

— Oi, Toni...

— Nada de conversa. Vamos logo! ordenou uma voz grossa, mal-humorada.

Os passos dos três sumiram pelo corredor, fazendo desaparecer em direção à saída a brutalidade dos policiais e a vergonha do seu Afonso.

O pai de Carla...

Por quê? Por quê? Por quê?

Toni procurou dominar as batidas aceleradas do coração e enfiou-se pelo largo corredor para a esquerda, o lado oposto ao da saída dos três. Para aquele lado ficava a diretoria. De lá saía seu Afonso algemado. Lá estariam as respostas.

Parado na porta, reconhecível de longe pelo perfume suave da lavanda que sempre usava, estava o doutor Laércio.

A voz do jovem diretor, normalmente alegre e brincalhona, tinha agora um tom de desânimo e de derrota, embora procurasse parecer segura para o aluno que se aproximava.

— Toni? Você veio para estudar na videoteca, não é? Apesar de ser um "veterano" do Cidinha, Toni sentia-se tímido demais para interpelar um diretor. Mas o nervosismo quebrou a timidez:

— Por favor, doutor Laércio, por que isso?

O jovem diretor hesitou um instante. Ele sabia que Toni era difícil de enganar.

— Bom, Toni... Você deve ter percebido alguma agitação, não é? E deve querer saber o que aconteceu...— Desculpe, mas o que aconteceu eu percebi, doutor Laércio. O que eu não posso entender é por que seu Afonso saiu daqui algemado.

Mesmo conhecendo a inteligência daquele aluno, Laércio engasgou novamente.

Toni tinha percebido que o contador saíra dali com os pulsos algemados! Como poderia? Aquele aluno era surpreendente de verdade.

— Não há de ser nada, Toni. Não há razão para pânico. Tudo não deve passar de um mal-entendido. A escola pagará os melhores advogados da cidade. Logo você verá seu Afonso de volta.

Pigarreou em seguida, confundindo-se com o uso do verbo "ver", justo em relação a Toni.

— Posso saber de que seu Afonso é acusado, doutor Laércio?

— Já disse para não se preocupar, Toni. Seu Afonso não tem nada a ver com o que suspeitam. É melhor você nem saber de quê, porque em vinte e quatro horas tudo estará resolvido.

— Mas, doutor Laércio...— recomeçou o garoto.

— Agora me dê licença, Toni — interrompeu o diretor. — Tenho alguns telefonemas urgentes a fazer...

A porta da diretoria fechou-se e Toni ficou parado um instante, tentando reorganizar os pensamentos, que se revolviam a mil por hora depois da inexplicável prisão de seu Afonso.

Através da porta, ouviu os bips do telefone sendo digitado. Em seguida, muito abafada, vinha a voz do doutor Laércio. Primeiro um "alô", depois uma frase difícil de entender, seguida de um "tudo bem".

Toni franziu as sobrancelhas: "Tudo bem?! Que história é essa?" Procurou apurar o ouvido, mas a espessura da porta tornava a voz do diretor muito difícil de entender. Encostou o ouvido na fechadura no momento em que o telefone era desligado. Depois, só o silêncio.

Não adiantava esperar mais explicações por ali.

Voltando pelo corredor, duas portas além da diretoria ficava a sala da contabilidade, quase em frente à biblioteca. De lá, vozes excitadas discutiam.

Toni aproximou-se em silêncio, como um gato colado à parede.

— E, ainda por cima, algemado no chiqueirinho, como um bandido qualquer! — indignava-se a chefe dos bedéis.

— Logo o seu Afonso? Mas por que isso?— admirava-se o professor de Geografia.

A voz da chefe dos bedéis insistia:

— Mas a gente precisa saber o que houve, Tadeu! Por que a polícia veio prender

seu Afonso?

— Não sei direito... — respondia o jovem técnico em computadores que fora contratado no início da nova fase do Cidinha e agora andava informatizando a contabilidade. — E, mesmo que soubesse, não tenho autorização para falar nada. Perguntem à diretoria!

— Estão comentando por aí que houve um desfalque nas contas da escola — juntava a voz da professora de Química.— Os auditores saíram daqui ontem. E disseram que foi o próprio seu Afonso que convocou a auditoria. Isso não é estranho? Você deve saber de alguma coisa, Tadeu!

"Desfalque?!", surpreendeu-se Toni.

— Não sei de nada— escusava-se Tadeu.— Não tenho autorização da diretoria para comentar nada!

O coração de Toni saltava-lhe no peito. Depois da conversa com o doutor Laércio, alguma coisa o incomodava, por dentro. O que o diretor dissera ao telefone?

Aquela prisão era estranha, muito estranha...

Ele estava perturbado demais. E ele tinha razões para isso. Seu Afonso era o pai da Carla, sua paixão secreta...

6 — Seu Afonso confessou?!

Toni não perdeu tempo. Atravessou o corredor e saiu pela porta principal. Do bolso do blusão, tirou sua bengala dobrável. Com uma sacudidela, a varinha estendeu-se e ele desceu rapidamente os degraus que levavam ao jardim. Em meio minuto, pisava a calçada, já com Chip grudado em seu jeans.

Ele sabia onde ficava o telefone público que os alunos costumavam usar. Por sorte, estava desocupado. Pegou uma ficha no bolso e discou para a escola.

— Colégio Cidinha Moura, boa tarde— atendeu a voz mecânica da telefonista.

— Ligue com o tal Tadeu, da contabilidade! — ordenou Toni, com um tom malcriado na voz bem grossa que procurava fazer.

— Quem deseja...?

— Aqui é da polícia! Ande logo!

A ligação foi completada na mesma hora e Toni ouviu a voz do técnico em computação:

— Alô?

"É agora..." pensou o garoto. "Tem de dar certo!" — Hum... é da Central. Quero falar com um tal de Tadeu!

— Da polícia? — respondia a voz amedrontada do técnico. — Sou eu mesmo...

— Aqui é o escrivão da Central e tenho de preencher o boletim de ocorrência do caso de um contador chamado Afonso, aí dessa escola...

— S-sim...? — gaguejava Tadeu, bombardeado pela agressividade do policial.

— Trata-se de um desfalque, não é? Meteram a mão na grana da escola, não é?

A voz do técnico tornou-se atrapalhada ao telefone:

— É... mas o delegado Mendes e o outro policial... o Xavier, não é esse o nome do outro?... saíram agora mesmo levando o...

— Ainda não chegaram aqui! — cortou Toni, mais malcriado do que nunca, como achava que se comportam os policiais. — E eu tenho de preencher esse maldito B.O.! É bom colaborar!

Tadeu concordou na mesma hora:

— É claro. Tudo bem. O que o senhor quer saber? — Quero saber tudo. Os auditores descobriram a falta da grana, é? E como descobriram que foi o tal Afonso que meteu a mão na massa?

— Mas isso vocês já sabem! — espantou-se Tadeu. O delegado Mendes...

— Já disse que o Mendes não chegou ainda! E eu não tenho tempo a perder, rapaz! Desembucha logo!

Tadeu respondeu como se estivesse ameaçado de tortura:

— Seu Afonso confessou tudo, doutor... Como é mesmo o seu nome?

Mas o telefone já tinha sido desligado.

Agora ele já sabia: seu Afonso tinha sido preso por dois policiais chamados Mendes e Xavier. Preso por ter confessado um desfalque nas contas do Cidinha!

"Seu Afonso confessou?! Confessou ter tomado dinheiro pertencente à escola? Mas que absurdo! Seu Afonso jamais tocaria em um tostão que não fosse dele. Só mesmo uma razão importantíssima, imensa, poderia explicar essa confissão. O que eu preciso é descobrir qual é essa razão. Ou se existe alguma!"

Quem passasse e prestasse atenção àquele garoto, poderia pensar que ele brincava de estátua. Estava parado na calçada, imóvel. Mas, por dentro, havia uma revolução em suas emoções.

"Preciso descobrir. Mas o que estou fazendo? Como é que eu vou dar uma de

detetive?"

Seria a influência de tantas novelas policiais que ele pegava emprestado na Biblioteca Braille? Acrescidas pelos filmes de ação de que ele gostava tanto? Não. Era Carla...

"O que é que eu vou fazer? Por onde eu vou começar?", pensava Toni enquanto esquentava o jantar que gostava de deixar pronto antes da chegada da mãe, que passava o dia trabalhando no hospital. Naquela noite, haveria plantão de enfermagem, e a mãe teria de voltar correndo ao trabalho.

— Au, au!

— Quietinho, Chip. Sua comida já vai sair...

Depois da cena de filme policial que representara ao telefone, Toni tinha usado mais uma ficha para ligar para a casa do contador. Carla estudava na outra oitava e, até aquele dia, a atração do rapaz pela colega era um segredo só dele. As conversas entre os dois sempre tinham sido superficiais. Toni jamais ligara para a casa de Carla, mas sabia de cor o número do seu telefone.

Naturalmente, ninguém atendeu. A esposa e a filha do contador deviam ter ido à delegacia. Ou consultar os advogados de que falara o doutor Laércio. Recolheu a ficha de volta, pensando que até o dia seguinte nada mais havia a fazer

"Mas, o que há a fazer?", pensava o garoto esperando o sono chegar. "E como é que justamente eu poderia fazer alguma coisa?"

— Você pode fazer tudo o que quiser... — era a voz da mãe ressoando em seus pensamentos.

Marta já jantara rapidamente com o filho e tinha voltado para o trabalho. Não dormiria quase nada naquela noite. Toni sabia que ela no máximo teria direito a uns cochilos e só estaria de volta no dia seguinte, depois das nove da noite.

Os sonhos com Carla em seus braços foram substituídos por pesadelos, onde a própria menina estava na cadeia, sendo torturada por um policial suado, de voz grossa...

No tapete, ao lado da cama de Toni, Chip dormia tranquilamente.

7 — Meu pai não é um criminoso!

Gostaria de chegar mais cedo ao Cidinha, mas o "seu" ônibus, dirigido por aquele motorista que o conhecia e buzina duas rápidas vezes para que ele não tivesse de

perguntar a ninguém qual o ônibus certo, tinha seu horário de chegar. Para descer, Toni não precisava de ajuda, pois era capaz de localizar-se durante todo o trajeto do ônibus e saber até em que ponto do percurso ele estava.

A primeira aula era de Educação Física. Toni alegou uma dor no joelho para ser dispensado da ginástica de que tanto gostava. O professor recomendou-lhe exercícios leves na piscina, sabendo quanto o garoto adorava nadar. E Toni teve de inventar um começo de resfriado para receber dispensa total.

Correu para a biblioteca e ficou de pé, junto à porta, folheando as páginas do primeiro livro que seus dedos tocaram ao estenderem-se para a estante.

Virava as páginas a esmo, com os ouvidos em alerta para qualquer movimento no corredor que viesse da sala da diretoria.

"Nessa hora, o lógico seria uma reunião entre os diretores e a esposa do seu Afonso. Com Carla junto, na certa..."

O tempo passava e a ansiedade de Toni só fazia aumentar. Recolocou o livro na estante e voltou para o corredor, andando em direção à sala da diretoria. Adiante dela, ficava a sala dos professores. Se alguém perguntasse o que ele fazia ali, diria que... o que ele diria? Bom, inventaria qualquer desculpa na hora.

Na frente da porta fechada, abaixou-se e passou um tempão às voltas com os cordões dos tênis. Aquela era a sala anteriormente ocupada pelo professor Frederico, onde agora instalara-se o doutor Laércio. A sala de Gustavo ficava no terceiro andar, junto ao salão dos computadores.

Vinda da sala da diretoria, ouvia uma fala ansiosa, suplicante, mas era impossível distinguir as palavras. Dava para perceber que era de uma mulher adulta. Uma mulher que chorava, nos breves intervalos entre as súplicas...

Ouvia outra voz, com um tom mais fofo, mais apaziguante, masculina.

"É o doutor Laércio..."

As vozes aproximavam-se da porta.

"Reunião encerrada. Preciso me mandar... A sala dos professores! Fica vazia depois do sinal. É pra lá que eu vou!"

Já estava dentro da sala dos professores, procurando esconder-se, quando a porta da diretoria foi aberta.

— Já disse para não se preocupar, dona Clotilde... era a voz do doutor Laércio. — Tudo não deve passar de um terrível engano. Confie em nossos advogados...

— Mas o Afonso nem quis minha visita, lá na delegacia... Recusou-se a ver a

própria esposa e a filha... — a voz da mãe de Carla saía fraca, na certa devido à doença.

— Ele deve estar perturbado. A senhora vai poder abraçá-lo ainda hoje, dona Clotilde. Os advogados vão entrar com um habeas corpus. O crime dele é...

Uma voz mais jovem explodiu, indignada:

— Crime?! Meu pai não é um criminoso, doutor Laércio!

"Carla..."

— É claro que não, querida, é claro que não! O que eu quis dizer é que...

— Meu pai é inocente! Inocente!

A voz da menina ficou abafada. O diretor devia estar abraçando-a.

— Calma, Carla... tudo vai acabar bem... Nós todos do Cidinha confiamos no seu pai...

Os três afastavam-se pelo corredor. O jovem doutor Laércio guiava mãe e filha para a saída, sempre consolando ternamente as duas.

Distraído pela cena que ouvia, Toni não percebeu uma quarta pessoa que entrava na sala dos professores.

— O que é que você está fazendo aqui, moleque? Era a voz dura de Gustavo...

8 — Você não pode ficar sozinha...

Outra reunião de três pessoas na sala da diretoria. Desta vez, Toni fazia parte dela. E o diretor que o arrastara para lá não estava para consolar ninguém:

— Veja, Laércio! Peguei esse moleque escondido na sala dos professores.

— Toni? Por que você não está na classe?— perguntou Laércio, com um tom divertido na voz.

— Eu... é Educação Física... fui dispensado... é que eu...

Gustavo cortou:

— Você o quê? O que é que você estava bisbilhotando na sala dos professores? Não conhece as regras do Cidinha? O que é que você queria lá?

— Na-nada...

— Ah, vai ver queria meter o nariz nos armários dos professores, não é? Vai ver queria descobrir o que vai cair em alguma prova, não é?

— Eu?! Não, senhor...

Laércio riu abertamente e nem perdeu tempo argumentando com o cunhado o

óbvio daquela questão: como é que um aluno como Toni poderia "meter o nariz" nas anotações dos professores?

— Ora, Gustavo, não precisa ser tão severo com o rapaz... Vai ver Toni se perdeu nesse mundo de corredores...

"Boa! Como é que eu não pensei nessa desculpa?" E o garoto agarrou a deixa:

— É! Foi isso mesmo! Pensei que era a biblioteca. Nem sabia que era a sala dos professores...

A mão delicada de Laércio pousou em seu ombro, guiando-o para a saída. O episódio não teria maiores conseqüências.

Afastou-se, ouvindo a voz de Gustavo:

— É. Se papai não estivesse no hospital, esse garoto ia acabar suspenso! Você é mole demais, Laércio!

Como é que naquele pátio tão grande e vazio durante as aulas Toni pôde descobrir onde estava Carla?

Talvez porque ele soubesse que aquele era o "cantinho" da menina. Um trecho de mureta, depois das quadras, onde às vezes ela ficava sozinha, mergulhada em pensamentos.

Quantas vezes Toni tinha se aproximado por trás dela, podendo sentir-lhe o perfume, sem jamais conseguir coragem para dirigir-lhe uma palavra que fosse?

Mas agora era diferente. Fechou a bengala dobrável e guardou-a no bolso. Chegou por trás da mureta e falou, logo que a brisa confirmou-lhe quem estava ali:

— Oi, Carla...

Toni notou que a voz da menina respondia para a frente, sem voltar-se para o garoto que invadia sua privacidade. E sua tristeza...

— Por favor, Toni... quero ficar sozinha...

Carla o tinha reconhecido, somente por sua voz, sem nem precisar olhar para o seu lado. Uma coragem que Toni desconhecia em si mesmo fez com que insistisse, com segurança, ainda que seu tom de voz tenha saído meio tímido.

— Não, Carla. Numa hora dessas, você não pode ficar sozinha. Eu quero ajudar você.

— Você, Toni? — dessa vez a voz voltara-se para ele. Carla o encarava, na certa descrente daquela oferta tão absurda:

— Eu mesmo, Carla. Sei que seu pai não fez nada de errado. Nós precisamos provar isso.

— Como é que você sabe? O que você sabe, Toni? Meu pai confessou o desfalque...

— Sei disso também. E isso só aumenta minha certeza de que tem muita coisa errada nessa história toda.

Sentiu a mão da menina tocar-lhe o ombro.

— Obrigada, Toni. Mas o que a gente pode fazer?

— Vamos à delegacia, Carla. Precisamos descobrir por que seu pai confessou o desfalque...

— Eu e mamãe já estivemos lá ontem. E papai recusou-se a falar com a gente.

— Doutor Laércio disse que os advogados iam entrar com um habeas corpus, para libertar seu pai. Nem sei direito o que é isso, mas já ouvi dizer que os advogados conseguem soltar pessoas com esse documento. O tal habeas corpus deve ser entregue ainda hoje de manhã. Vamos à delegacia. Seu pai deve estar saindo de lá agora. Não vai poder fugir de você, vendo a filha na porta, à espera dele.

— Mas mamãe...

— É melhor irmos só nós dois, Carla. Ele deve estar sentindo...

— Vergonha de nós duas?

— Bom, eu não queria...

— Pode deixar, Toni. Essa é a única explicação que existe para papai não querer ver a gente. Um homem como ele, sempre certinho, deve estar morrendo de vergonha de receber a família do lado de dentro de uma cadeia... — deteve-se um pouco, mastigando um soluço que teimava em explodir. — Papai passou a noite lá, numa cela... na certa na companhia de bandidos que...

— Não pense nisso! — interrompeu Toni. — Temos de agir. Venha comigo. A delegacia fica a três quadras do Cidinha.

Segurou o cotovelo da menina e Carla deixou-se conduzir docilmente.

Chip atravessou o jardim como uma flecha e juntou-se aos dois.

— Oi, cachorrinho...

Carla ajoelhou-se e acariciou o pêlo fofo do pequeno Chip, que sacudia a cauda para ela e procurava lambe-lhe as mãos.

— Chip gostou de você, Carla.

Gostaria de acrescentar "quase tanto quanto eu", mas ficou com a comparação só para si.

Caminharam em silêncio, ambos sentindo que muita coisa os unia naquele

colégio. Pelo menos, ela e Toni faziam parte daquela "percentagem" de alunos que não chegavam e saíam do Cidinha em carros particulares. Dois meninos pobres, num colégio de ricos.

Chip corria ao lado do rapaz, esfregando-se em suas pernas.

Com a mão no ombro de Carla, Toni não tirou a bengala dobrável do bolso.

9 — Não se envergonhe de mim...

A voz que os recebia atrás do balcão da delegacia era tão malcriada como aquela que Toni fizera ao telefone para interrogar Tadeu:

— Que é que vocês querem?

— Nós queríamos falar... — começou Carla.

— Precisamos falar com o delegado Mendes — interrompeu Toni.

Por trás deles, uma voz grossa perguntou:

— Que é que vocês querem comigo?

"Nada de conversa. Vamos logo!", era o que Toni lembrava de ter ouvido dizer aquela voz, no dia anterior. "Um malcriado... vou ter de ir com jeito..."

O policial ofegante, que Toni encontrara pela primeira vez arrastando seu Afonso pelo corredor, estava ali, atrás deles, com o mesmo jeito de poucos amigos que parecia ser sua marca registrada. A seu lado, o garoto percebeu a presença de mais alguém, que mascava um chiclete de cheiro enjoativo, com a boca aberta. O tal Xavier. Ali estava a dupla que havia prendido seu Afonso.

— Delegado Mendes? Que bom encontrar o senhor. Esta é Carla, filha do seu Afonso, aquele que...

— Sei quem é essa menina, garoto — cortou o delegado, agressivo, como se estivesse prestes a expulsar os dois.

— Ela já esteve aqui ontem. Mas o suspeito não quis falar com ela, nem com a mulher. E você, quem é? Filho dele também?

— Desculpe perguntar, mas os advogados já entraram com o tal habeas corpus, delegado? — perguntou Toni, sem responder.

— Nenhum maldito advogado apareceu por aqui. "Ainda não? O que andam fazendo esses tais advogados?"

— Será que a gente poderia ver seu Afonso agora? — Negativo. Ele não quer

receber ninguém, eu já disse! Sem despedir-se, o delegado Mendes e o investigador Xavier sumiram para dentro da delegacia.

A mão de Toni apertava o ombro de Carla consolando-a.

— Eu não vou chorar... — sussurrou ela. — Não vou chorar...

Toni sentiu um corpo grande que chegava por trás deles. Sentiu também uma mão no ombro. A outra deveria estar envolvendo Carla.

— O que aconteceu, meninos?

A voz era seca, mas sem qualquer tom agressivo.

— Nós... — começou Toni. — Mas, quem é o senhor?

— Não me chame de senhor, garoto — respondeu o grandalhão. — Esse negócio de "senhor" faz com que eu pareça mais velho, não é? Sou o investigador Barbosa. O que vocês vieram fazer aqui?

— Meu nome é Carla... vim falar com meu pai...

— Quem é seu pai, menina? O que ele fez para estar aqui?

— Ele não fez nada, seu... quer dizer, Barbosa... intrometeu-se Toni. — Ele é um homem honesto. O nome dele é Afonso...

O investigador soltou o ar vagorosamente:

— Seu Afonso? Sei quem é. O caso não é meu. O carcereiro diz que esse é um prisioneiro estranho, rapaz, muito estranho. Não se defende e não quer falar com ninguém. Não pede nada e parece o tempo todo a ponto de chorar ..

— Chorar? Oh, papai... — murmurou Carla, apoiando o rosto no ombro de Toni.

Toni procurou seu tom de voz mais conciliador, tentando convencer o investigador:

— Sei que ele ontem não quis falar com a família, Barbosa. Mas, será que o senhor... que você não pode nos ajudar? É que, depois de uma noite na cela... pode ser que ele tenha mudado de idéia, não é?

Barbosa suspirou, bufou e decidiu-se:

— Está bem. Vou ver se o prisioneiro quer receber vocês. Mas o cachorro não entra, hein?

— Oh, papai!

Sentados num banco de madeira, a menina abraçava seu Afonso. Filha e pai choravam em silêncio, tentando consolar um ao outro.

— Minha menina...

— Papai, você não fez isso! Eu sei que não fez. Por que confessou?

— Carla... — seu Afonso suspirou fundo. — Tente compreender... Sua mãe precisava daqueles remédios tão caros...

— Os remédios? Mas telefonara, ontem do hospital, dizendo que todas as doses que a mamãe precisa estão liberadas para ela. Até o fim do tratamento. O que tem isso a ver...?

— Tudo, minha filha. Compreenda. Eles liberaram os remédios porque eu dei o dinheiro para eles. Eu precisava desesperadamente conseguir dinheiro para o tratamento de sua mãe... Senão, ela teria poucos meses de vida...

Os soluços da menina foram abafados contra o peito do pai.

A voz do contador saía baixa, quase um sussurro, enquanto suas mãos afagavam os cabelos da filha:

— Obrigado, Toni, por cuidar da Carla. Tente ajudá-la a compreender. Eu tinha de conseguir o dinheiro...

Toni aproximou-se do homem e tocou-lhe o braço, como se também fosse seu filho.

— Seu Afonso... foram os auditores que descobriram o desfalque, não é? Foi muito difícil a auditoria?

— Não... as alterações eram tão grosseiras que... — interrompeu-se e mudou de tom — É que eu estava nervoso, não sabia lidar direito com os computadores e acabei fazendo tudo meio malfeito...

— Os auditores vieram logo depois do acidente do professor Frederico, não foi, seu Afonso? — continuou Toni, como se fosse uma criança que pede humildemente explicações a um adulto. — Ele tinha concordado com a auditoria?

— Não, ele não queria que... — sacudiu a cabeça e pôs-se de pé, num arranco. — Ora, o Velho está no hospital. Talvez nunca se recupere. Vamos deixá-lo em paz. Agora preciso voltar para a cela. Tente compreender, minha filha. Cuide bem de sua mãe e não se envergonhe de mim...

— Eu, papai? Envergonhar-me de você? Nunca!

— Me espere com paciência. Talvez minha condenação seja leve. Tudo vai ficar bem, você verá. Sua mãe vai viver e você continuará com a bolsa de estudos. Tenho de pagar pelo que... — aspirou com força, como se procurasse forçar-se a completar a frase — ... pelo que fiz...

Voltou as costas e saiu, levado por um policial, sem olhar para trás.

Barbosa, que presenciara a conversa, afrouxou a gravata, como fazia toda vez

que se sentia inseguro.

10 — Um criminoso denuncia seu próprio crime?

No saguão de entrada da delegacia, o garoto não falava. De cabeça baixa, seu raciocínio revolvía-se com tal intensidade que ele parecia estar ausente. Tinha certeza de que seu Afonso havia fornecido pelo menos duas boas contribuições para ajudar a esclarecer aquele mistério. Uma eram os tais erros grosseiros...

Grosseiros? E a outra era... Qual era mesmo a outra? A bolsa de estudos... O que tinha a bolsa de estudos de Carla a ver com o desfalque?

Chip aceitou o colo da nova amiga. Aos poucos, o carinho e o calor daquele pequenino felpudo a acalmavam.

Também aos poucos, a expressão de Toni mudava.

Era agora a de quem entendera alguma coisa, algo que tinha escapado à menina, na emoção de encontrar o pai numa cadeia. Erros grosseiros? Como um ótimo contador cometeria erros grosseiros de contabilidade em seu próprio desfalque?

— Não entendo, Toni. Por que papai confessou essa barbaridade? Ele jamais faria isso!

A voz da amiga despertou-o de seus pensamentos e Toni falou, com um misto de segurança e alegria:

— Ora, Carla! Depois dessa conversa com seu pai, isso ficou mais do que claro, não acha?

— Ficou claro? O que ficou claro?

— A inocência do seu pai.

— Mas ele não disse nada, Toni. Ficou só reafirmando o tempo todo que era culpado e...

— Ao contrário, Carla. Ele nos disse, o tempo todo, que não foi ele quem tirou dinheiro da contabilidade da Cidinha!

— Que não foi ele? O que você está querendo dizer?

— Essa é a história mais mal contada que eu já ouvi. Em primeiro lugar, por que o próprio autor do desfalque convocaria uma auditoria para descobrir um crime que ele cometeu?

— É... não tinha pensado nisso... Vai ver foi o próprio professor Frederico que...

— Ah, ah! Aí está: seu pai parou de falar justo na hora que deixava escapar que o Velho sabia do desfalque. Sabia do desfalque há duas semanas, antes do acidente!

— Bom, mas isso não quer dizer que...

— Quer dizer muita coisa, Carla. O que você sabe do seu pai, profissionalmente?

— Como assim, "profissionalmente"?

— Ele é um bom contador?

— É claro que é! Um dos melhores!

— E não ouviu ele dizer que foi fácil demais para os auditores descobrirem as alterações na contabilidade? Você acha que um contador competente como ele faria alterações "grosseiras" naquelas contas?

— Ora, mas ele disse que estava nervoso, que não sabia lidar direito com os computadores...

— E por isso cometeria erros grosseiros? Erraria na aritmética? Confundiria as contas de um balanço?

— Mas nós não sabemos se há erros de aritmética nas tais contas! E eu nem sei direito o que é um balanço!

— Nem eu, mas sabemos o que seu pai disse: erros grosseiros! Como é que o autor falaria assim de seu próprio ato?

O raciocínio de Toni começava a desanuviar o estado de espírito da menina. Seu coraçãozinho disparava quando perguntou:

— Você acha que nós vamos provar que meu pai é inocente, Toni?

— Pode ser, Carla, mas isso ainda vai levar algum tempo. Nada podemos provar contra a confissão dele. Mas podemos ir atrás de mais detalhes dessa história tão confusa.

— Ora, Toni! A confusão, continua a mesma! Papai confessou e...

— Vamos recapitular tudo o que sabemos, do modo mais lógico: suponhamos que seu pai descobriu uma alteração "grosseira" nas contas do Cidinha. Descobriu que dinheiro estava sendo desviado. Falou da descoberta para o Velho, que caiu das escadas antes de poder tomar qualquer providência. Em seguida, com o professor Frederico no hospital, seu pai convocou uma auditoria para confirmar suas suspeitas. Daí...

— Daí nada, Toni. Daí ele confessou que foi ele mesmo!

— Esse é o ponto principal, Carla! Nós temos de descobrir por que seu pai confessou. Essa é a chave do mistério!

— Não adianta, Toni... — desanimou-se a menina. — Ele teve um motivo fortíssimo para o desfalque: a doença de mamãe!

— Qual o hospital onde sua mãe se trata Carla?

— No Central...

— No Central? Minha mãe trabalha lá!

Aquele era um hospital público. O segundo emprego de Marta era no Metropolitano, o hospital dos ricos, onde o professor Frederico estava internado.

Toni voltou-se e saiu quase correndo do saguão da delegacia em direção à calçada.

A menina, carregando o pequeno Chip no colo, esforçou-se para alcançá-lo.

Ele estava parado, junto à guia. Ficou vermelho e pediu:

— Agora eu preciso de você, Carla. Tem um telefone público aqui por perto?

— Aqui do lado, Toni. Venha.

O telefone ficava na esquina. Estava ocupado e os dois tiveram de esperar impacientemente. No momento em que ouviu o "clic" do aparelho sendo desligado, Toni já estava em cima dele, quase empurrando a senhora que acabava de deixá-lo.

— Mas que falta de educação... — a mulher calou-se, ao ver quem a havia empurrado. — Ahn, desculpe...

— Não, eu é que peço desculpas, senhora — respondeu Toni, já discando com pressa.

Foi preciso esperar bastante tempo até que a mãe de Toni fosse localizada no hospital Metropolitano, onde trabalhava até a hora do almoço.

— Alô? Mãe? Sou eu... Preciso de um favor...

— Com o barulho da rua, Carla não conseguia ouvir a breve conversa.

— Qual o número deste telefone, Carla? — perguntou o rapaz, interrompendo a conversa.

A menina aproximou-se e leu o número em voz alta. Toni repetiu cada um deles para a mãe e desligou.

— Pronto, Carla! Vamos esperar aqui mesmo. Mamãe vai ligar já, já com a resposta.

11 — Não pode haver crime sem motivo!

Don Peperone estava feliz. Afrouxou a cinta e deixou as calças caírem no piso de mármore do imenso banheiro.

As banhas esparramaram-se em toda a volta do seu corpo, cobrindo metade da privada.

Ficava sempre assim, relaxado, contente, quando estava fazendo uma boa digestão.

Mas, naquela manhã, havia razões mais fortes para deixá-lo de bem com a vida além do belíssimo sanduíche de pastrami que tinha saboreado, fazendo uma boquinha antes do almoço.

Os negócios iam de bem a melhor. Mais uns dias e seus negócios iriam estender-se além do comércio de drogas e do jogo ilegal. Com os novos planos, as organizações de Don Peperone haveriam de tornar-se tão honestas como um banco.

"Os negócios imobiliários! Isso sim é que dá ricchezza. Molto danaro!"

Arrotou de felicidade ao lembrar-se o quanto tinha sido fácil envolver o diretor daquela escola. Como gostava de jogo, o canalha! Foi só dar-lhe crédito, até que sua dívida se tornasse impossível de pagar e o resto ficou fácil.

"Ah, ah! E o coitado achou que podia livrar-se dessa, desviando uns trocadinhos da contabilidade da escola! Ah, ah! Stupido ragazzo..."

Mas agora estava tudo bem. O rapaz afinal se convencera. Com o afastamento do velho diretor, logo aqueles valiosíssimos quarteirões estariam à disposição de suas mãos gordas. A demolição do colégio não deveria levar mais que uns três ou quatro meses e as cotas do novo shopping center poderiam começar a ser vendidas.

"Imagine! Una stronza di una scuola naquele terreno tão espetacular... Que desperdício!"

Mais um dia ou dois, e o velho estaria morto, resolvendo todos os problemas e coroando de êxito os planos de Don Peperone.

Os gases ribombavam no bojo de porcelana da privada, como uma banda de bumbos a acompanhar-lhe os pensamentos.

Carla estava bem próxima do amigo, apenas com o cãozinho entre os dois. Toni acariciava a cabecinha de Chip e sua mão tocava-lhe o corpo de vez em quando.

O adorado perfume daquele corpo nunca estivera tão perto dele. Por um momento, o rapaz esqueceu que estava metido numa investigação de gente grande, como se nunca tivesse feito outra coisa do que desvendar crimes misteriosos.

O calor daquele corpinho ocupou-lhe os pensamentos por completo. Sentiu a boca seca e tinha certeza de que Carla percebia o tremor de suas mãos.

Num momento, ao envolver a cabecinha de Chip, as costas de sua mão

esfregaram-se no mamilo rígido do seio de Carla.

— Ahn... desculpe... — balbuciou ele, retirando a mão.

— Ora, Toni... — sussurrou ela, sem saber dizer mais.

O tempo todo tinha observado aquela mão, cujas costas procuravam acariciá-la enquanto a palma fingia alisar os pêlos do cachorrinho. E nada fizera para impedir a manobra.

"Quem é esse rapaz?", pensava, tentando enxergar os olhos de Toni atrás das lentes dos óculos. Além delas, o que haveria? Aquele rapaz era tão... Dedicado? Delicado? Muito mais! Por que ela nunca se aproximara dele? E por que ele se interessava tanto pela sua situação? Ah, tanta coisa estava acontecendo em sua vida, desde a manhã anterior...

O primeiro toque do telefone nem se completou e Toni já atendia.

— Alô? Sou eu, mãe... O quê? Tem certeza? Jóia, mãe! — desligou e parecia iluminado ao voltar-se para a amiga. — Descobrimos, Carla!

A menina agarrou-lhe o braço, ansiosa, ainda abraçando Chip com a outra mão:

— O quê? Descobrimos o quê?

A ansiedade de Toni parecia ainda maior:

— Seu pai não usou nenhum dinheiro roubado para comprar os remédios, Carla!

Os remédios saíram de graça! O convênio médico da escola abriu uma exceção e autorizou o Central a fornecer todos os medicamentos, pois foram pressionados pelo doutor Láercio! Minha mãe é demais, quando resolve descobrir alguma coisa: falou com a administração do Hospital Central e telefonou para uma conhecida que trabalha para o convênio médico do Cidinha. Acabou descobrindo que o doutor Laércio insistiu com os diretores do convênio em favor de sua mãe. Chegou a mandar uma carta ameaçando contratar outro plano de assistência médica para os funcionários da escola, se os remédios não fossem fornecidos!

— Toni! Isso quer dizer que...

— Quer dizer que seu pai não tinha o motivo que ele mesmo alegou para praticar o desfalque! Não pode haver crime sem motivo! E, pelo menos que a gente saiba, ele não tinha outro motivo para precisar de muito dinheiro, tinha?

— É claro que não, Toni. Mas então...

— Então ele estava encobrindo alguém ao confessar! Agora temos de descobrir duas coisas: quem é esse alguém e por que seu pai assumiu a culpa no lugar dele!

O estado de ânimo de Carla estava bem diferente daquele que a atormentava desde o dia anterior. Sorriu para o amigo, que lhe trazia esperanças:

— Você está me saindo um belo detetive, Toni. Mas eu também sou meio detetive. Quer ver?

— Você está querendo gozar com a minha cara, é?

— Não estou não, Toni. Quer ver como eu também sou capaz de deduzir coisas?

— Quero, sim!

— Sua mãe...— começou Carla, com desafio na voz. — Teve de fazer plantão de enfermagem essa noite, não teve?

— Teve...

— E quando você acordou, hoje de manhã, estava sozinho em casa, não estava?

— Boa! Como é que você descobriu isso tudo?

— Elementar, meu caro Sherlock! Porque você está com uma meia amarela e outra vermelha!

12 — Visitas proibidas

— Alô? Sou eu, Don Peperone... A menina esteve aqui... Positivo. E dessa vez o homem aceitou falar com a filha... Estava com um rapazinho junto... De óculos escuros... Negativo. Não consegui ouvir o que o prisioneiro falou para os dois moleques... Pode deixar, continuarei de olho, Don Peperone...

Os dois estava calados há um tempão andando devagar.

Não falavam, mas ambos sabiam que toda a euforia das primeiras descobertas não parecia levar a nada. Como fazer seu Afonso dizer a verdade? Ele deveria ter um motivo muito forte para ter confessado e encobrir o verdadeiro culpado pelo desfalque. Como descobrir esse motivo?

Carla gostaria de perguntar "o que faremos agora, Toni?", embora a qualquer um pudesse parecer estranho que ela estivesse sendo guiada por alguém como ele.

Mas nada falou, pois sabia que o amigo estava fazendo a mesma pergunta a si mesmo.

Chip já saltara de seu colo e corria à frente, "marcando" cada árvore e cada poste que encontrava.

— Carla... — a mão de Toni tocou-lhe levemente o braço. — Seu pai falou com o Velho das alterações nas contas do Cidinha! Tenho certeza. O professor Frederico sabia do desfalque, ou pelo menos já desconfiava dele quando sofreu o acidente. Aposto que ele

sabe quem é o verdadeiro culpado pelo desfalque!

— Pelo que papai disse, pode ser isso mesmo. Mas...

Toni tinha parado de andar. Suas sobrancelhas crispavam-se por trás dos aros dos óculos. Ele estava concentrado e encontrara um caminho.

— Como estará o Velho?

— Bom, dizem que ainda está mal, na UTI do Metropolitano...

— Estará consciente, Carla? Será que a gente conseguiria falar com ele?

— Falar com o Velho? Duvido! Quem está em terapia intensiva nos hospitais...

— Não pode receber visitas? Mas temos de tentar lá. Não temos mais nenhuma pista a seguir...

O Metropolitano ficava muito longe. No bairro dos ricos. A mãe de Toni vivia dizendo que era um dos hospitais mais caros da cidade, embora, segundo ela, estivesse longe de ser um dos melhores. Um local onde o luxo e a hotelaria pareciam mais importantes do que a ciência.

Carla telefonara para casa e tranqüilizara a mãe, mentindo que ia almoçar na casa de uma colega. Ao desligar, lembrou-se de dona Marta, mãe de Toni:

— Será que sua mãe pode nos ajudar, lá no metropolitano?

— Não, Carla. Ela deve estar saindo de lá agora. Não tem nem tempo para almoçar. Pega um ônibus e corre para o Hospital Central, seu segundo emprego...

"Vida dura... ", pensou Carla.

O ônibus levava um tempão para transportar os dois jovens até o Metropolitano.

Chip parecia decididamente ter preferido o colo de Carla ao de Toni, e o rapaz sentia uma pontinha de inveja do cachorro. Para falar a verdade, sentia uma inveja danada!

A manhã já terminava quando desceram do ônibus. Passava da hora do almoço, mas nenhum dos dois tinha dinheiro. Só passes de ônibus.

— Hum, pelo jeito, esse hospital é pra quem pode, Toni. Só tem carro importado...

O saguão de entrada estava fresco, refrigerado, e a voz da recepcionista não "recepçionava" os dois com a mesma afabilidade que deveria oferecer a quem tivesse uma aparência mais próspera:

— O que desejam? Têm alguma consulta marcada com um oftalmologista?

Toni não se perturbou com a secura daquela voz, nem com a óbvia citação de um oftalmologista. Sentiu que a moça estava fortemente perfumada. Até demais para quem trabalha de manhã, num hospital. Os cheiros da maquiagem pesada e do perfume

barato misturavam-se ao leve odor de desinfetante que mantinha imaculado o hospital.

— Não. Nós queríamos visitar um paciente. Professor Frederico Moura.

A moça digitou alguma coisa no teclado a sua frente. Em menos de um minuto, tinha a resposta que os dois tanto temiam:

— O paciente está na UTI. Visitas proibidas.

— Mas é que nós somos do grêmio do Colégio Cidinha Moura... — mentiu Toni. — Fomos encarregados de saber do estado do nosso diretor...

— Condição estável, diz o último boletim médico.

— Estável como? Ele pode falar ou está inconsciente? — perguntou Carla.

— Estável quer dizer que ele continua do jeito que estava. E só os médicos podem dar maiores detalhes.

— Será que nós poderíamos falar com o médico responsável para saber que condição é essa? — insistiu o rapaz.

— Vocês não são da família. E sou obrigada a pedir que saiam. Não são permitidos animais no hospital.

A pista tinha se demonstrado um muro de pedras. Intransponível. Os dois amigos saíram, frustrados.

Quase como uma pequena vingança pela saída forçada dos dois, Toni comentou:

— Coitada dessa mulher... Enche-se de maquiagem, emboneca-se toda, mas nem assim consegue ficar bonita...

Carla estranhou:

— Ora, Toni! Como é que você sabe que essa mulher é feia?

— Ora, Toni, vírgula! Do meu gosto, essa recepcionista não é. O que é que você acha? Ela é feia ou não é?

— Bom... para falar a verdade, ela é feia mesmo. Mas eu só não consigo entender como é que você sabe que ela é feia!

— Eu sempre sei quando uma mulher é feia ou bonita, Carla... — respondeu o rapaz com um sorriso misterioso.

A menina parou de andar e tocou-lhe o braço:

— Ah, é? Então me diga: eu sou feia ou bonita?

O rapaz ficou sério por um instante. Por dentro, pensou: "Você é a mulher mais linda do mundo, Carla... ", mas, da boca pra fora, o que saiu foi:

— Hum... até que você não é das piores...

Carla deu-lhe um beliscão:

— Ah, seu danado!

Toni começava uma gargalhada quando Chip rosnou. Uma mão forte agarrava o braço do rapaz.

— Muito bem, meninos. Vamos ter uma conversinha.

Era a voz do investigador Barbosa. O cheiro de chiclete mostrava que o outro, o tal Xavier, estava junto.

13 — Almoçando com a polícia

"Acabamos de encontrar esse policial na delegacia...", pensava Toni. "Será que esse cara nos seguiu até o hospital? Ou terá sido apenas coincidência?"

Os amigos estavam dentro de uma viatura, sentados no banco de trás. Toni sorriu.

Aquele era um carro comum, um Gol velho, com as velas falhando e com a segunda marcha arranhando. Só não poderia dizer qual a cor do carro...

"Gozado! Polícia não fala veículo nem carro, fala viatura. Não fala sim nem não. Só positivo ou negativo..."

Do lugar do motorista, vinha a voz de Barbosa:

— Vocês dois se movimentaram bastante para uma manhã só, não? O que queriam neste hospital?

— Viemos... viemos visitar o professor Frederico...

— Isso eu sei. Mas, por que vieram visitá-lo? O que tem a ver o acidente do diretor da escola com o desfalque que seu pai confessou, menina?

O homem estava sendo direto, direto demais. Toni apertou o braço de Carla e falou:

— Nada... é que...

Barbosa interrompeu:

— Negativo, garoto! Não precisa inventar desculpas. E nem ter medo da gente. Só queremos conversar. O que vocês acham de um almoço? Ainda não comeram nada, não é?

— Desculpem se o restaurante não é de luxo, meninos. Mas vocês sabem como é salário de policial, não sabem?

Estavam sentados em uma mesa de um bar modesto, que servia refeições comerciais. Barbosa queixou-se do calor, embora para os dois convidados o tempo

estivesse mais que agradável. Até um pouco friozinho. Mas, ainda assim, o policial suava. Afrouxou o nó da gravata e tirou-a pelo pescoço, como se tira uma camiseta.

Amassou a gravata na mão, sem nenhum cuidado, e colocou-a no bolso do paletó.

O cheiro de gordura era forte, mas o de tempero era melhor, e Toni pôs-se a devorar com apetite o bife a cavalo e tomates.

Carla mal tocou na comida. Partiu o bife e ficou dando-o em pedacinhos para Chip.

Xavier quase não falava. Parecia ter mania por chicletes e abriu um novo tabletinho no final do almoço.

Barbosa raspava o prato com um pedaço de pão e procurava fazer suas perguntas com jeito:

— É natural que você esteja preocupada com seu pai, menina, muito natural... Mas eu só não entendi por que vocês tentaram visitar o professor Frederico logo depois de saírem da delegacia...

— Bom... — Toni tentava desviar a curiosidade do policial. — É que a gente anda preocupado com o professor Frederico, depois daquele acidente...

Barbosa não aceitou a desculpa:

— Acho estranho que toda essa preocupação com o professor Frederico apareça justamente agora. A prisão do seu Afonso deveria ser a única coisa com o que vocês estariam se preocupando, não é? Ou pelo menos você, Carla...

— Meu pai é inocente, Barbosa... Temos de provar isso! Como é que a gente pode ajudar? O que você está querendo saber?

O policial respondeu com uma pergunta:

— Qual é a ligação que vocês imaginam entre o acidente do professor Frederico e a prisão de seu Afonso?

Toni pensou um pouco. Não estaria se arriscando demais? Afinal de contas, por que estava se metendo a fazer o papel da polícia?

— Esses dois me parecem muito espertinhos, Barbosa! — comentou Xavier, mascando o chiclete de boca aberta.

Toni segurou a mão da amiga. Não havia razão para esconder suas suspeitas da polícia. O único receio talvez fosse o de receber uma bronca enorme por estarem metendo o nariz onde não eram chamados.

— Seu Afonso é um homem bom, Barbosa, um homem honesto. Nem eu, nem

Carla, nem qualquer pessoa do Cidinha pode acreditar que ele cometeria qualquer crime. E muito menos que confessaria esse crime.

— Bom, se ele confessou, é porque é culpado, não acha, garoto? — comentou Xavier.

Carla falou, nervosamente:

— Ele é inocente! Confessou para proteger alguém!

— Não diga! — gozou Barbosa. — Seu Afonso confessou para encobrir o verdadeiro culpado? E quem é que ele está encobrindo?

— Não sabemos — respondeu Toni. — Mas você ouviu nossa conversa com ele.

Lembra-se que seu Afonso disse que havia erros grosseiros de contabilidade nas alterações que o tal criminoso cometeu?

— Lembro sim, Toni.

— Desculpe eu estar me metendo, Barbosa, mas por que um contador experiente como ele cometeria erros grosseiros, justo para dar um desfalque nas contas da escola? E por que ele mesmo convocaria os auditores para que eles descobrissem as alterações?

— Será que ele queria ser descoberto? — interveio Xavier.

— Podemos ver isso por outro ângulo, Xavier — raciocinou Barbosa. — Cometendo erros que um contador experiente não cometeria, ele estava afastando qualquer suspeita em relação a ele!

Toni não gostou do tal "outro ângulo" da questão:

— Se o seu Afonso for mesmo culpado, talvez essa teoria esteja certa. Mas que tal pensarmos do modo mais direto? Quem deu o desfalque é alguém que não entende de contabilidade!

Houve uma pausa. Os policiais avaliavam as palavras daquele rapaz, meio espantados com sua determinação. Foi Barbosa quem retomou:

— Muito bem, garoto, muito bem. Acho que posso ser franco com vocês. O caso do seu Afonso não é meu. Mas, depois que ouvi sua conversa com ele, fui dar uma olhada no processo. O crime é de "apropriação indébita". Ninguém fica preso por um crime como esse antes do julgamento.

— Não fica?! — espantou-se Carla. — Mas, então, por quê...?

O investigador suspirou:

— Esta foi uma prisão arbitrária, Carla. Coisa do delegado Mendes, que sempre quer ser mais realista do que o rei. Mas ele vai ter de soltar o seu pai no mesmo instante em que algum advogado apresentar um habeas corpus.

— O doutor Laércio disse que os advogados iam entrar com esse pedido logo — informou Toni. — Será ótimo quando ele sair da cadeia, mas isso não basta para nós. Ele não merece essa acusação! Mas o que quer dizer habeas corpus mesmo, Barbosa?

— É uma ordem judicial para assegurar o direito de ir e vir de alguém que esteja sendo injustamente tolhido desse direito. É o caso do seu Afonso. Um acusado de apropriação indébita não representa nenhum perigo à sociedade. Por isso, mantê-lo preso é um absurdo. Nenhum juiz concordaria com a prisão preventiva do seu Afonso se o Mendes fizesse a besteira de pedi-la.

— Eu fui com o Mendes prender seu Afonso — acrescentou Xavier. — Não perguntei nada, nem quis que ele notasse que eu estava surpreso por ele querer fazer aquela prisão pessoalmente.

Barbosa continuou:

— Tudo isso me deixou com a pulga atrás da orelha, meninos. Decidi me meter no caso e acabei de ler todo o processo, até o relatório dos auditores. É por isso que eu quero saber qual a ligação entre esse desfalque e a visita de vocês ao Hospital Metropolitano, tentando uma entrevista com o professor Frederico.

Toni estava sentindo a esperança renovar. Aqueles dois policiais estavam do lado deles!

— Obrigado pelo apoio, Barbosa. A gente estava sozinho demais com esse problema. Só o que eu podia fazer era pensar. Lembra-se que seu Afonso tentou fugir da conversa quando eu perguntei se o Velho sabia do desfalque?

— Continue, Toni.

— Naquele momento, eu fiquei achando que o desfalque foi praticado antes do acidente do professor Frederico. E, pelo jeito do seu Afonso, tenho certeza de que o professor sabia do que estava acontecendo! Por isso, pensamos que ele poderia nos dar alguma pista...

Barbosa riu, cada vez mais surpreso:

— Muito bem de novo, Toni! Se o Velho sabia ou não, não sabemos, mas a verdade é que os desfalques vinham sendo praticados há tempos, desde o começo do ano, de acordo com o relatório dos auditores. Você adivinhou isso, mesmo sem ver os relatórios. Muito bem!

— Mas o Velho não pode dar nenhuma pista, meninos — informou Xavier, bafejando o odor adocicado do chiclete no rosto de Toni. — Tentamos falar com ele, mas ele está mesmo muito mal, com todas as visitas proibidas.

— Mas é nossa única pista! — Carla tentou objetar. — Temos de...

— Negativo! Vocês já foram longe demais, meninos — cortou Barbosa. — Não há nada mais que vocês possam fazer. Fiquem tranquilos e vão para casa. Deixem esse trabalho com os profissionais.

Desta vez foi Carla quem apertou o braço de Toni, tomando uma decisão:

— Diga uma coisa, Barbosa: você acredita que meu pai é inocente?

— O que adianta eu acreditar ou não? Ele confessou, Carla!

— Mesmo assim, Barbosa: você acredita na inocência dele?

O corpulento policial demorou um pouco mas respondeu:

— Positivo. Mas não posso provar nada.

— Então acho que a gente pode ajudar — continuou Carla. — Todo crime precisa de um motivo, não é?

— É claro. Só que nesse caso o motivo é mais do que razoável: seu pai precisava de dinheiro, de muito dinheiro, para os remédios de sua mãe. Um bom motivo, tenho de admitir, mas...

— Mas esse motivo não existe! — declarou a menina, com firmeza.

— Como?!

— Descobrimos que o doutor Laércio pressionou o convênio médico que atende os funcionários do Cidinha e os diretores cederam. Mamãe recebeu os remédios pelo convênio! Meu pai não tinha nenhum motivo para praticar o desfalque!

14 — Michelângelo, Beethoven, Dali e Caetano

A conversa com os policiais tinha se alongado. Barbosa, com toda a calma, foi arrancando uma descrição completa da situação do Cidinha. Ouviu sobre a morte da professora Verônica, sobre a introdução dos dois novos diretores, Laércio e Gustavo, e sobre as divergências entre Gustavo e o Velho a respeito das inovações no colégio.

— Se não foi seu Afonso quem deu esse desfalque, quem foi, Barbosa? — tinha perguntado Toni, quando saíram do restaurante. — A única forma de provar que seu Afonso está encobrindo alguém é encontrar esse alguém!

— Esse é o meu trabalho, garoto...

Os dois amigos foram levados de volta ao Cidinha, a bordo do velho Gol, ouvindo a tosse das velas e o arranhar da segunda marcha.

— E lembrem-se, garotos — advertiu Barbosa, ao despedir-se. — Tratem de cuidar de suas vidas e deixem o problema conosco!

— Está bem, Barbosa...

O policial entrou novamente no carro e bateu a porta. Carla ficou vendo o Gol distanciar-se. De repente, notou alguma coisa na calçada:

— Olhe, Toni: a gravata do Barbosa caiu do bolso dele. Arrependeu-se de ter dito olhe e pegou a gravata do chão.

— Bom, se a gente se encontrar de novo, eu devolvo. Puxa, mas que gravata ensebada!

Dobrou-a e guardou-a no bolso de trás do jeans.

A mãe de Carla já estava informada de que a filha "passaria a tarde" com uma colega e dona Marta só chegaria do Hospital Central depois das nove da noite.

Tinham tempo. Estavam exaustos, mas Toni nem sonhava em seguir o conselho dos policiais.

— Precisamos esperar até as seis horas. Vamos à biblioteca, Carla...

Os dois sentaram-se numa das mesas. Carla, a pedido de Toni, tinha escolhido alguns livros de arte.

— Por que esses livros, Toni?

— Vamos dar um tempo, Carla — explicou o rapaz, sem responder diretamente à pergunta. — Os funcionários da administração saem às seis. Quero encontrar com o Tadeu na saída. Quem sabe, com jeitinho, a gente não consegue saber quem teria acesso aos dados do computador da administração? Se tivermos essa lista completa, basta descobrir quais pessoas dessa lista não conhecem contabilidade. Nosso homem, ou nossa mulher, é um desses, pode estar certa! Não basta saber que seu pai não praticou o desfalque. Precisamos descobrir quem é o culpado!

— Está bem, mas temos ainda mais de duas horas até as seis. Então me diga: por que você pediu para eu retirar livros de arte?

Toni suspirou:

— Eu adoro arte, Carla. Não tenho nenhum problema com música e dança. Acompanho até mesmo teatro, cinema e televisão. Acho que os dramaturgos escrevem peças para pessoas como eu, porque dá pra entender tudinho! Eu só não consigo nada é com a pintura...

Carla sorriu. Deveria ter se aproximado daquele garoto há mais tempo.

— Eu adoro música, Toni. Clássica ou popular. Estudo piano há seis anos.

— É mesmo? — é claro que ele sabia disso, como sabia tudo que dissesse respeito a ela, mas fingiu que aquilo era uma novidade. — Ótimo, pois música é o meu forte. Não sei o que faria sem ela ou sem meu teclado...

— Você toca teclado?

— Desde pequeno. Acho que vou ser músico profissional...

— Ou detetive!

— Prefiro a música...

— Está bem... quer dizer que você não tem idéia do que seja uma cor?

— Claro que tenho! Sei perfeitamente que uma manga é amarela, por exemplo.

— Como pode saber isso?

— Manga tem gosto de amarelo, ora essa!

— Só você mesmo, Toni! É que com quadros a coisa fica mais difícil, não? Mas eu tenho um modo de fazer você sentir a pintura...

Carla começou a folhear os livros de arte. Descrevia cada quadro comparando o impacto que sentia neles com o efeito de alguma música:

— Veja, Toni: este é Claude Monet. Esta paisagem é como o movimento "Outono", de "As quatro estações", de Vivaldi. Não dá pra ouvir perfeitamente este quadro? Você conhece Vivaldi?

— Claro...

— Este aqui é Gainsborough. Não gosto muito. É arrogante. Parece "Pompa e circunstância", do Elgar...

— Aposto que vão tocar "Pompa e circunstância" aqui no Cidinha, na hora da entrega dos nossos diplomas...

— Aqui está: o detalhe da "Criação de Adão", do Michelângelo. Acho que o pobre teve de esperar séculos, até que Beethoven compusesse sua sexta sinfonia, a "Pastoral". É exatamente esta pintura!

— É forte, hein?

— Aqui está Picasso! Isso é rock puro! Ele torce a imagem de todos os lados, como o rock...

E Toni foi "vendo" os quadros. Sentiu as paisagens do Mississípi lembrando-se dos spirituais, "viu" Goya ao som de castanholas, entendeu a tristeza de Van Gogh na melodia de Chopin, curtiu Portinari comparando seus retirantes com "Disparada", de Geraldo Vandré...

— Não concordo. Acho que "Disparada" é mais "Grande sertão: veredas", do

Guimarães Rosa.

— Você leu aquele calhamaço, Toni?

— Tudo isso está em braile, lá na biblioteca — sentiu-se um pouco envergonhado, pelo fato de omitir que não tinha conseguido chegar ao fim daquele livrão. — E põe calhamaço aí, Carla! Um livro em braile tem quatro vezes mais páginas do que o mesmo livro em tinta...

Carla abriu outro livro:

— Salvador Dali! É Caetano Veloso, purinho!

— Ah, que é isso, Carla? O que é que tem a ver o Caetano com aquele catalão maluco?

— Sei lá, Toni. É isso que eu sinto. Na certa outra pessoa compararia cada quadro desses de um modo diferente. Esse é só o meu modo de ver tudo isso...

"Que modo, lindo, Carla... Ah, eu queria ver o mundo através dos seus olhos, para sempre..."

— E o Chico Buarque? — perguntou Toni, afastando a emoção.

— Ora, o Chico é exatamente a arte popular brasileira. É Di Cavalcanti, é Chico da Silva e é Mestre Vitalino. Só que é mais culto... Mais ou menos como se Mestre Vitalino esculpisse suas figuras em mármore...

— As esculturas desse eu conheço. Já me deixaram pegar, lá no museu...

Recordando as músicas de que gostavam, os dois navegaram pelo mundo da pintura, de mãos dadas. Juntos, estavam chegando à conclusão de que as mesmas emoções humanas podem ser transmitidas por cores, palavras, sons, movimentos...

Só que Toni não conseguia encontrar palavras, nem sons, nem cores, nem movimentos para transmitir a emoção que sentia naquele momento, com aquela garota tão pertinho...

Foram interrompidos por uma bedel:

— Toni! O doutor Laércio quer que você vá até a diretoria.

O rapaz despertou de sua viagem artística e largou a mão da amiga.

— À diretoria, dona Lúcia? Está bem. Vamos, Carla.

— Não, Toni — informou dona Lúcia. — Ele disse que quer falar só com você.

— Está bem. Que horas são, Carla?

— Cinco e quinze.

— Me espere aqui. Já volto.

Maternalmente, dona Lúcia levou-o pelo braço para a diretoria. Não querendo

ofendê-la, Toni deixou-se levar. Dona Lúcia era assim mesmo: vivia procurando mostrar carinho, como se fosse a mãezona de todo mundo.

"Imagine se eu preciso de alguém para me guiar pelo Cidinha! Ora!"

15 — Mapas sem pauzinho

A bedel deixou-o dentro da diretoria e saiu, fechando a porta.

Toni notou que a sala estava vazia. Apurou o ouvido. Talvez o diretor estivesse no lavabo, à direita. Não vinha nenhum ruído de lá, porém.

"Vou ter de esperar... O que é que o doutor Laércio quer de mim? Tomara que ele não demore. Quero falar com o Tadeu. E tem de ser hoje!"

Andou na direção da grande mesa que já fora ocupada por cinco membros da família Moura. O doutor Laércio era o sexto.

Avançando para o tampo, suas mãos deram com uma série de rolos compridos de papel. Deveriam ser mapas.

"Gozado! Mapas sem pauzinho... Como é que os professores de Geografia vão pendurar esses mapas na lousa?", pensou, lembrando que para ele aqueles professores dispunham de um globo terrestre com os continentes em relevo.

Mas, ao tatear os rolos, as costas de sua mão esquerda empurraram a pilha e os mapas rolaram da mesa para o chão.

"Droga!"

Abaixou-se e pôs-se a tatear o tapete recolhendo o estrago que produzira sem querer.

Os mapas tinham rolado para a esquerda, até uma estante.

Foi encontrando e colocando cada um debaixo do braço.

Ao tatear a beirada da estante, junto ao tapete, sentiu um ventinho nas costas da mão.

A porta de entrada ficava atrás dele e a janela à sua frente. E a porta do lavabo estava do seu lado direito.

"De onde vem esse ventinho?"

Levantou-se e voltou para a mesa, tentando reorganizar os mapas do modo que estavam.

De repente, a porta abriu-se atrás de si:

— Olá, Toni.

— Oi, doutor Laércio... O senhor mandou me chamar?

— Eu pedi para falar com você, Toni. É diferente. O Cidinha agora é um colégio democrático, não notou?

— Doutor Laércio, me desculpe... Eu estava esperando pelo senhor e sem querer deixei esses mapas caírem no chão. Nem sei se consegui recolher todos...

— Conseguiu, sim, Toni. Estão todos na mesa, como estavam, não se preocupe. Mas sente-se, sente-se!

la empurrar a cadeira de visitas para o garoto, mas Toni já tinha estendido a mão para ela, aceitando o convite.

— Ah, eu devia jogar tudo isso fora! — comentou Laércio em voz baixa, como se falasse consigo mesmo. Toni ouviu o diretor recolher a pilha de rolos de papel e guardá-la em um armário.

— O que o senhor queria, diretor?

— O investigador Xavier me ligou agorinha mesmo. Contou que você está procurando alguma forma de ajudar seu Afonso.

— É que eu...

— Isso é louvável, Toni, muito louvável. Não estou criticando você por querer ajudar sua namorada. Carla é sua namorada, não é?

— Não! É só minha amiga...

— Pois você faz muito bem em apoiar sua amiga. Mas fique sossegado: a escola está pagando os melhores advogados para defender seu Afonso. Ele não está sozinho.

— Já entraram com o tal habeas corpus? Ele vai ser solto?

— Infelizmente ainda não. Houve complicações e ainda não foi possível entrar com o documento. Mas, no mais tardar, até sábado ele estará junto da família.

— Até sábado? Tudo isso?

O jovem diretor colocou a mão no ombro do rapaz. — Mas por que você queria ver meu pai?

Toni segurou um pouco a respiração. "Você pode fazer tudo o que quiser nesta vida! ", dizia sua mãe. Mas ele se sentia cansado. E o doutor Laércio era o melhor amigo dos alunos do Cidinha. Não havia nenhuma razão para esconder-lhe qualquer de suas suspeitas:

— Se o senhor falou com o investigador Xavier, sabe que estivemos com seu Afonso, não é? E ele, muito perturbado, falou umas coisas que...

— O que é que ele disse?

— Ele deu a entender que o professor Frederico sabia dos desfalques, antes do acidente...

— É mesmo? E que mais ele disse?

— Uma coisa que... que eu não consigo entender, doutor Laércio. Ele confessou mais uma vez que cometeu o desfalque porque precisava de dinheiro para os remédios de sua esposa. Mas nós descobrimos que o senhor insistiu tanto com o convênio, que o diretores puseram os tais remédios à disposição da dona Clotilde, sem nenhum gasto para a família. Por que seu Afonso cometeria o desfalque se não precisava mais do dinheiro para os remédios?

— Seu Afonso não sabia disso, Toni. O convênio só concordou em fornecer os remédios ontem, depois da prisão dele.

— Mas os investigadores nos disseram que os desfalques começaram aos poucos, desde o início do ano. Se seu Afonso não gastou nada com os remédios, onde está esse dinheiro?

O doutor Laércio fez uma pausa.

"Que menino inteligente! O que ele não poderia fazer na vida, se fosse igual aos outros?"

— Você tem razão, Toni. Essa história está muito longe de ser esclarecida.

— E tem mais uma coisa...

— Que coisa é essa?

— Seu Afonso, ao despedir-se, lá na cadeia, consolou a filha, dizendo que dona Clotilde ficaria boa e que ela, Carla, continuaria com a bolsa de estudos...

— Como?

— Isso mesmo. O que tem a ver a bolsa de estudos da Carla com o desfalque?

— Ora, Toni! Carla é uma das melhores alunas da escola. Sua bolsa de estudos está garantida até a formatura. E ela até paga, de algum modo, para estudar. No centenário do Cidinha, por exemplo, Carla vai dar um recital de piano durante as comemorações. Você sabia que ela é uma ótima pianista?

— Sim.

— Seu Afonso deve ter falado misturando idéias porque estava sob pressão. Mas eu concordo com você que...

Nesse momento, a porta se abriu e alguém entrou na sala.

— Laércio, precisamos conversar sobre o... Ah, esse garoto está aqui, é? É o

bisbilhoteiro, que eu peguei outro dia!

Era Gustavo, com seu pouco tato para lidar com alunos.

— Oi, Gustavo. Eu estava conversando com o Toni aqui. Ele é amigo da filha do seu Afonso e os dois andam querendo esclarecer esse negócio do desfalque...

— Bisbilhoteiro, como sempre!

— Calma, Gustavo. Todo mundo preocupado com a prisão do seu Afonso!

— Eu estou preocupado é com o montão de dinheiro que desviaram das contas do colégio. A situação financeira já não era das melhores e...

— Espere um pouco, Gustavo. Acho que nós não deveríamos discutir problemas internos do Cidinha na frente de um aluno. Mas veja como esse menino é especial: com a filha do seu Afonso, tentou fazer uma visita ao papai, na UTI do Metropolitano...

— Ah, é? — Gustavo aproximou-se de Toni, quase encostando o dedo em seu nariz. — Pois olhe aqui, garoto: a situação de papai é tão grave, que nem eu posso fazer uma visita a ele. Fui examinado e disseram que eu tenho uma virose incubada e não sei o que mais. Por isso, poderia contaminar os doentes graves daquela ala, se entrasse lá. E os médicos acharam melhor proibir todas as visitas, para não agravar o estado dele. Nem Laércio tem ido à UTI. Meta-se com a sua vida! A saúde de papai é problema nosso!

Laércio tomou a palavra, conciliador:

— Não fale assim com o rapaz, Gustavo. Ele só está querendo ajudar! Ouça, Toni: não vai ser possível perguntar nada ao papai. Ele está muito mal. Dizem que às vezes balbucia alguma coisa, mas ainda não recuperou a lucidez. Bom, isso de acordo com o último boletim médico, porque nem eu estou indo lá, para garantir que não haja risco de levar alguma bactéria para dentro da UTI e piorar ainda mais a situação de papai. Você compreende, não é?

— E agora trate de cair fora, garoto — encerrou Gustavo. — O diretores têm mais o que fazer!

— Já estou indo. Que horas são, doutor Laércio?

— Cinco para as seis.

— Obrigado.

16 — Você pode fazer tudo...

Toni saiu quase correndo pelo corredor. Carla estava na porta da biblioteca,

esperando-o. Com uma frase curta, procurou acalmá-la contando o que o diretor falara sobre as providências que os advogados tomariam. Passaram na frente da sala de contabilidade e puderam ouvir a voz de Tadeu, falando com alguém.

Saíram para a calçada. Carla olhou o relóginho de pulso:

— Seis e cinco. Logo o Tadeu aparece.

Os funcionários do Cidinha foram saindo, um a um.

— Cadê o Tadeu?

— Ainda nada, Toni...

Seis e meia. Carla viu todas as luzes do Cidinha apagarem-se. Aquele colégio não tinha cursos noturnos.

— Você tem certeza de que o Tadeu não saiu, Carla? Não é possível tanta demora...

— É claro que tenho certeza, Toni. Parece que não tem ninguém mais na escola.

Olhe, o vigia está trancando a porta. Vamos falar com ele!

Toni aceitou a liderança da menina e acompanhou-a:

— Boa noite, seu João.

— Boa noite, menina. O que está fazendo aqui, a esta hora?

— É que... sabe? Eu esqueci meu fichário na biblioteca e...

— Sinto muito, mas não posso deixar ninguém entrar. Vai ter de esperar até amanhã para pegar seu fichário.

— Mas não tem ninguém na escola fazendo serão?

— Ninguém, menina. Todo mundo foi embora.

— Nem na contabilidade?

— A contabilidade está às escuras. Acabei de passar por lá. "Ai, perdemos o Tadeu! Carla deve ter se distraído!", pensou Toni, sem coragem para criticar a desatenção da amiga.

Dona Clotilde estava sendo cuidada pela irmã. Carla telefonou novamente para a mãe e mentiu de novo. Desta vez a mentira era que dormiria na casa da colega com quem estava estudando e que não tinha telefone.

— Não se preocupe, mamãe...

— Está bem, filha. Hoje eu estou me sentindo bem melhor. E sua tia vai dormir aqui. É até melhor mesmo você ficar com sua amiga para distrair-se desse problema tão grande...

— O doutor Laércio disse que os advogados vão tirar o papai da cadeia logo,

mãe...

Carla desligou. Tinha aceitado o plano de Toni. Era uma loucura, mas ela estava disposta a cometer qualquer loucura com aquele rapaz.

Pegaram o ônibus e foram para a casa de Toni. Mais uma vez, Chip preferiu o colo da menina.

— Carla, perdemos o Tadeu. Agora só mamãe pode nos ajudar.

Eram mais de sete e meia quando chegaram. Carla já estava cansada de espantar-se com o amigo: ele sabia em qual ponto deveriam descer do ônibus e guiou-a pela rua sem erro, levando-a com facilidade para casa. Bom, é verdade que Chip ia na frente, e os latidos alegres do cachorrinho ajudavam muito, como se fossem uma lanterna sonora a guiá-los na escuridão.

O rapaz morava em uma casa modesta, geminada dos dois lados. Havia um pequeno jardim de margaridas e gerânios.

Toni esquentou o jantar e, com Chip cochilando a seus pés, tentou distrair a menina com o teclado:

— Esta aqui eu mesmo compus, Carla. O que você acha?

Mas a menina estava cansada, tensa, e o anoitecer só fazia com que ela pensasse no pai, lá na cadeia, partilhando uma cela imunda com marginais.

— Por culpa de quem meu pai está preso, Toni?

— Não adianta pensarmos nisso agora. Vamos esperar minha mãe. Preciso dela para o próximo passo. Agora ouça esse acorde novo que eu bolei. O solo passa para a mão esquerda enquanto a direita faz isso aqui. Ouça...

Carla fingiu que se distraía, até ouvir a chave na porta.

Eram nove e quinze.

Marta não conhecia a menina e surpreendeu-se:

— Oh, Toni! Temos visitas?

— Mãe, precisamos de você. Desesperadamente!

Enquanto jantava, Marta ouviu o plano do filho.

— Não tem risco nenhum, mãe. Você trabalha no Metropolitano de manhã. Às vezes tem de dar plantão noturno na enfermagem. Ninguém vai achar estranho você aparecer por lá esta noite. Acho que não vai ter dificuldade de me botar lá dentro. Afinal, tudo o que eu quero é entrar um instante no quarto do professor Frederico.

— Entrar lá? O que um homem doente pode fazer pelo seu Afonso?

Toni fez uma pausa e soltou a afirmação que tinha escondido até de Carla:

— Nós dois temos certeza que o Velho sabia quem estava desviando dinheiro do Cidinha. Por isso, estou quase certo de que a queda das escadas não foi um acidente!

— Como?! — espantou-se a menina.

— Posso estar errado, Carla. Mas, se o Velho sofreu uma tentativa de assassinato, o nome da pessoa pode estar em seus lábios. Se ele viu quem tentou matá-lo, a primeira palavra que dirá, ao despertar, será o seu nome.

Marta sorriu:

— Ah, Toni! Isso só acontece nos filmes!

— Não temos mais nenhuma pista a seguir, mãe suplicou o rapaz. — Se o Velho puder me ouvir, talvez eu descubra quem é o culpado pelo desfalque. Se ele disser somente um nome, apenas uma palavra, talvez esse mistério todo esteja esclarecido. Mas, se ele não puder falar nada, eu saio e nós voltamos para casa...

Marta estava exausta. Tinha cumprido árduo expediente em dois hospitais e varado a noite de plantão no Hospital Central. Mal tinha conseguido cochilar. Só não sabia como negar alguma coisa a seu filho e àquela menina tão bonita que lutava pela liberdade do pai...

Ela mesma não vivia dizendo que seu filho poderia fazer qualquer coisa na vida, tudo aquilo que os outros podem fazer? Como poderia agora desestimular Toni, justo quando ele estava empenhado em fazer algo grande, algo até maluco demais?

"Bem, vou entrar de sola nessa loucura!", decidiu-se Marta.

— Está bem, Toni. Vamos fazer o seguinte...

17 — Um careca na UTI

Da casa de Toni, eram necessários dois ônibus para chegar ao Hospital Metropolitano. O segundo estava quase vazio àquela hora da noite.

O cansaço tomava conta de todos, e Chip aproveitava todos os momentos para dormir no colo de Carla. Marta, Carla e Toni quase não falaram durante a viagem.

A menina apertava a mão do amigo com força. "Tem de dar certo!", pensava Toni, o tempo todo.

Quando desceram do ônibus, era quase meia-noite. Marta, ainda com seu uniforme de enfermeira, adoraria ter tomado um chuveiro e caído na cama, mas agora metia-se numa aventura como aquela. O que ela não faria por Toni? Respirou fundo o ar

frio da noite e guiou os dois para os fundos do hospital.

De longe, avistaram uma porta isolada.

— Fiquem aqui, os dois. Vou entrar e volto logo quando o caminho estiver livre.

Tinha sido combinado que Carla ficaria longe, escondida no escuro, controlando com afagos a excitação de Chip, enquanto Toni entraria no hospital, logo que a mãe o chamasse.

Menos de dez minutos depois, só Toni conseguiu ouvir o assobio baixinho.

— É mamãe. Vou lá, Carla. Me espere. Vai dar tudo certo...

— Ai, Toni...

A mãozinha de Carla pegou a nuca de Toni e puxou sua cabeça para baixo. Beijou-o sofregamente nos lábios. — Agora vá, querido. Salve o meu pai...

Com a bengala e seu senso de direção, Toni caminhou rápido para o local de onde viera o assobio. Estava quase cambaleando sob o impacto do beijo quando entrou pela porta onde sua mãe o esperava.

— Já subi até o andar da UTI, filho. Eles deixaram um enfermeiro particular de guarda, na porta do quarto do professor Frederico. Eu tenho um plano para afastá-lo de lá...

"Carla diz que eu sou um detetive perfeito..." pensava o garoto. "Acho que tenho a quem puxar..."

— Está frio pra ficar pelado, mãe...

Estavam em um quartinho cheio de materiais de limpeza, que ficava logo depois da porta por onde haviam entrado. De acordo com o combinado, Toni tirou toda a roupa e vestiu uma camisolinha verde de doente. Marta tirou-lhe os óculos escuros e fez dois enormes curativos em seus olhos. Pronto! Ele estava um paciente perfeito da oftalmologia.

Toni sentou-se na cadeira de rodas que a mãe tinha conseguido e lá foram os dois pelo corredor.

Marta empurrou a cadeira de rodas para o elevador. Não havia ninguém dentro dele.

Chegaram ao andar da UTI. Saíram do elevador e Marta encostou a cadeira em um canto, escondendo-a do ângulo de visão de quem viesse pelo corredor. Seguiu para a próxima fase do plano: calcular para o filho a distância até a unidade onde estava o Velho. Voltou logo em seguida e abaixou-se junto ao ouvido do filho:

— São quatro passos para a frente. Vire à direita e ande trinta e um passos pela parede da esquerda. Só vou conseguir três ou quatro minutos para você. Seja rápido, Toni!

"Dona Lurdes me mataria, se soubesse que está sendo usada... Mas é por uma boa causa", pensava ela na doente ranzinza que ficava na unidade do final do corredor. Dona Lurdes era sua responsabilidade durante as manhãs. Estava bem melhor e deveria ir para um quarto particular no dia seguinte. Mas, na medida em que melhorava de saúde, piorava de humor. "Afim de contas, uma troca extra de curativo não chega a ser uma conduta antiética para uma enfermeira..."

Pegou no colo do filho a bandejinha que havia preparado e caminhou de volta pelo corredor. Parou ao lado do enorme enfermeiro, que lia um jornal sentado em uma cadeira na frente do quarto do professor Frederico.

— Ei, você! Preciso de sua ajuda.

O enfermeiro levantou os olhos do jornal, com desdém:

— Está falando comigo?

— Com você mesmo. Tenho de trocar o curativo da dona Lurdes, do 712. Ela é pesada demais e preciso de ajuda.

O homem sorriu, com desprezo:

— Ora, você que se dane!

— Escuta aqui: você não é enfermeiro?

— Eu? Eh... é claro que sou...

— Então não quer que eu vá chamar a chefe da enfermagem, não é?

O homem bufou e levantou-se, colocando o jornal sobre a cadeira.

— Tá bom... o que eu tenho de fazer?

— Venha comigo.

Toni ouviu os dois se afastando e levantou-se da cadeira de rodas no mesmo instante. Sentia um frio danado dentro daquela camisolinha, mas não podia preocupar-se com isso. Apoiou-se na parede e contou rigorosamente os passos, andando o mais rápido que podia. Trinta e um passos depois, sua mão pousou na folha de uma porta.

Empurrou-a e entrou no quarto, fechando a porta atrás de si.

A mãe havia explicado detalhadamente a disposição dos móveis nas unidades da terapia intensiva e logo ele estava ao lado da cama.

Ouvia o respiradouro ligado e os bips dos aparelhos de monitoramento do paciente.

Curvou-se e falou, bem baixinho:

— Professor Frederico, o senhor pode me ouvir?

Só o som cavernoso do respiradouro artificial respondeu à pergunta.

— Professor Frederico. Sou um aluno do Cidinha. Preciso falar com o senhor...

Sua mão encontrou o braço do paciente. Estava engessado.

"O coitado deve estar todo coberto de gesso, depois daquela queda..."

— Professor... pode me ouvir?

Sua mão percorreu o gesso do braço e o garoto abaixou-se, procurando falar no ouvido do homem, imóvel na cama.

Tateou pelo travesseiro e sua mão tocou a cabeça do paciente no momento em que procurava falar-lhe ao ouvido.

"Meu Deus, o que é isso?"

Seu coração disparou diante do que acabara de descobrir. Por um momento, perdeu a presença de espírito.

"O que é isso, meu Deus, o que é isso?"

Seu coração acelerou-se, na mesma medida em que os bips do monitor foram se tornando mais espaçados. De repente, dali só saía um fiiuuun contínuo.

Ele sabia o que aquilo significava. O homem acabara de morrer...

"O que é que eu vou fazer?"

Era a primeira vez que tomava contato direto com uma morte e Toni ficou estático, tremendo feito vara verde. Sua distração foi fatal. Os minutos transcorreram e a porta do quarto abriu-se atrás de si:

— Ei, o que está fazendo aqui?

Uma mão que tinha a mesma brutalidade da voz agarrou-o pelo braço.

— Um moleque? Que história é essa?

Outra voz entrou no quarto:

— Largue esse menino! É meu paciente da oftalmologia. — Era a voz de Marta, que agora falava com o filho. — Você ficou preocupado, queridinho? Eu não disse que ia demorar só um minuto? Venha, querido!

O enfermeiro continuava furioso:

— Ninguém pode entrar neste quarto! Eu devia...

— Você devia é ficar quietinho. Esse pobre garoto acabou de sofrer duas operações de descolamento de retina. Deve ter tentado me encontrar, tadinho... Você devia ver que olhos lindos ele tem por trás dessas bandagens... Venha comigo, querido...

A voz do enfermeiro acalmou-se um pouco:

— Ele não pode enxergar, é?

— E como é que podia enxergar com essas bandagens sobre os olhos, seu

burro?

Toni ouviu uma risadinha do brutamontes.

Voltaram apressadamente para o quartinho. Toni vestiu-se tremendo, mal abotoando-se, chocado pela morte do paciente e excitado por sua incrível descoberta. Logo os dois estavam junto de Carla, fora do hospital.

— Conseguiu falar com o Velho, Toni?

—Carla! Mãe! Precisamos correr! Emergência!

18 — Começando pelo desastre

Barbosa estava cansado. Aquele tinha sido um dia duro e ele não conseguira avançar nem um pouco nas investigações. Seu expediente já estava encerrado e ele poderia tomar uma cerveja, antes de ir para casa. Mas as dúvidas daqueles dois meninos tinham deixado o policial mais que intrigado.

Levou a mão ao pescoço, para afrouxar a gravata. Procurou no bolso.

"Droga! Onde eu fui botar esse diabo de gravata? Devo ter deixado na viatura..."

Os acontecimentos naquele colégio eram muito estranhos... Por onde ele deveria começar?

"O primeiro acontecimento fora da rotina foi o desastre em que morreu a filha do professor Frederico, no fim do ano passado. A que deveria assumir o lugar do Velho. É por lá que eu vou começar..."

Aquela tinha sido uma ocorrência de trânsito. Os arquivos do caso deviam estar lá, no Departamento de Trânsito. Pegou o telefone interno e pediu uma viatura.

— O Gol que o senhor gosta de usar saiu em diligência, Barbosa — respondeu a voz do encarregado, do outro lado da linha. — Aqui nós só temos aquela velha C-14. Mas está sem combustível...

Barbosa desceu praguejando. Mais uma vez tinha de usar do seu pouco dinheiro para abastecer uma viatura policial.

"Como é que a gente pode trabalhar direito desse jeito? Os bandidos e os traficantes têm melhores carros e melhores armas do que a gente!"

A velha C-14 estava ainda em piores condições do que o velho Gol. Barbosa saiu

batendo lata, abasteceu o tanque com o mínimo possível de gasolina e tomou a avenida, na direção do Departamento de Trânsito.

— Mãe, você tem certeza de que aquele era o quarto certo? Eu não me enganei de quarto?

— Não, filho. Aquela era a unidade do professor. Eu verifiquei na papeleta pendurada na porta. Estava escrito: Frederico Moura.

— Mas, afinal de contas, Toni, você conseguiu ou não falar com o professor Frederico?

O rapaz mal conseguia esconder a excitação

— Não, Carla. Eu não falei com ele.

— Ele ainda está em coma?

— Não sei se o professor Frederico está em coma ou não, porque o paciente que está naquele quarto não é ele!

— Como?

— O paciente que está deitado lá, todo engessado, é careca!

Os lábios de Carla abriram-se espantados, enquanto a menina lembrava-se da figura alta do diretor do Cidinha, sempre com sua vasta cabeleira grisalha despenteada, como um maestro italiano!

— Mas o pior não é isso, pessoal! — continuava Toni, quase atropelando as palavras. — Mãe, os aparelhos de cada unidade de terapia intensiva estão ligados a uma central qualquer, fora do quarto?

— Não, Toni. Esse hospital só tem fachada de hotel cinco estrelas para enganar os ricos. Para examinar os monitores é preciso entrar em cada quarto.

— E o enfermeiro grandão, mãe? Ele está treinado para acompanhar os monitores?

— Ah, ah! Se aquele é um enfermeiro, eu sou a rainha de Sabá! O sujeito não sabe nada! Você precisava ver que ridículo ele tentando me ajudar com o curativo da dona Lurdes...

Toni deu um soco no ar:

— Boa! Então talvez ainda haja tempo para salvar o professor Frederico.

— O que você está dizendo?

— Eu ouvi o fiunnn do monitor dos batimentos cardíacos! Igualzinho no cinema! O careca que está naquele quarto acabou de morrer!

Convencer um plantonista do Departamento de Trânsito não é tarefa das mais

fáceis. Barbosa teve de usar muito mais do que sua voz de trovão para conseguir que o sonolento funcionário fosse buscar a pasta da ocorrência que ele queria.

— Vai ser difícil... O inquérito tem mais de oito meses... O secretário fica fazendo discurso na televisão dizendo que vai informatizar tudo, mas até agora é o burro aqui que tem de se virar com esse monte de pastas empoeiradas... E eu tenho alergia, sabe? Se eu ainda conseguisse transferência para a sessão de multas... Aquilo sim, é que é mamata!

— Explique melhor, Toni! Aquele homem morreu? E não era o professor Frederico? E o que tem a morte dele com...

— Agora não tenho tempo, mãe. Preciso entrar de novo no hospital. Será que há um jeito de verificar a ficha de entrada do professor Frederico?

Marta balançou a cabeça:

— Talvez fosse até fácil, Toni. Tudo neste hospital está em computadores e há terminais em todos os andares.

— Ótimo, mãe! Ficou fácil!

— Fácil, nada! Eu não sei mexer naquilo!

Barbosa folheou o processo do acidente da professora Verônica Moura Marcondes. Viu as fotos da polícia técnica. Estava tudo ali: o carro perdera a direção, rompera uma mureta de proteção e caíra em um barranco de trinta metros de altura.

Ficou por um longo tempo fitando a foto do cadáver ensangüentado em meio às ferragens retorcidas. Procurou pela perícia no automóvel. Não havia detalhes. O caso havia sido encerrado como de rotina.

"Preciso ver esse carro..."

19 — Estou entendendo!

Mais uma vez Toni teve de tirar a roupa no quatinho e meter-se na camisolinha verde, enquanto a mãe voltava a fazer-lhe dois curativos enormes sobre os olhos. O frio aumentava, mas a excitação do garoto ajudava-o a agüentar.

Marta empurrou-o pelos corredores até encontrar um terminal de computador que estivesse sem ninguém por perto.

— O que é que eu faço agora?

— O que é que está escrito na tela?

— Tem uma tela em branco. No alto, tem uma faixa com uma porção de

desenhinhos.

— Certo. Pegue o mouse e...

— Pegar o quê?!

— Está vendo uma caixinha pequena sobre a mesa, ligada por um fio ao computador?

— S-sim...

— Eu só uso o teclado, mas sei como funciona o mouse. Ponha a mão em cima dessa caixinha. Você vai ver que a setinha que está sobre a tela move-se quando você mexe a mão. Conseguiu?

— Ai... s-sim...

— Agora leve a setinha até onde está o "file".

— Onde?

— Em cima, à esquerda.

— Tá.

— Aperte duas vezes bem rápido o botãozinho esquerdo do mouse. O que surgiu?

— Um monte de palavras em inglês...

— Leve a setinha até onde está escrito "open" e clique duas vezes...

Marta seguia as indicações do filho. Leu a lista de palavras que apareceu na tela.

Toni escolheu "Arqmetro" e mandou-a clicar nessa sigla. Depois em "Fichas"...

— Agora clique em "edit", mãe. Conseguiu? Clique em "find". Apareceu um quadro, que fica piscando numa linha em branco, não é? Agora digite "Frederico Moura" nesse ponto... Pronto? Clique em "find next"...

— Apareceu, Toni! Uma ficha completa do professor.

— Veja aí em que dia e hora ele deu entrada no hospital, mãe...

Marta abriu a boca de espanto:

— Nossa, Toni! A data é 20 de agosto. Às onze horas da manhã!

— Alô... a ligação está ruim, Don Peperone... Não, desculpe... Eu só saí um minutinho da porta... Mas o garoto que entrou lá não pode ter visto nada... Ele estava com os olhos cobertos por bandagens... Desculpe... não vou arredar pé daqui... ninguém mais entra no quarto... Juro! O que é que ele estava fazendo, quando eu entrei no quarto? Ora, nada demais, Don Peperone... o moleque estava só acariciando a cabeça do velho...

Toni tinha pressa, mas o dinheiro de Marta não dava para um táxi.

— Ainda mais com a tarifa noturna, Toni ... desculpe...

— Vamos de ônibus mesmo. Depressa!

No ônibus só havia os três e Chip, que novamente dormia no colo de Carla.

Mesmo assim, tinham escolhido o último banco, comprido, para que nem o sonolento cobrador pudesse ouvi-los.

— Eu bem que achei estranho aquele grandalhão. Na certa é um segurança contratado. Não vai descobrir que o coração do careca parou, meu filho — explicava Marta. — Mas, a qualquer momento, a enfermagem passará por lá, na sua ronda de rotina no meio da madrugada. Isso pode demorar uma ou duas horas, mas é possível que agora mesmo alguém esteja entrando no quarto. Daí, vão descobrir a morte do tal careca.

— Ai, tomara que demore bastante! Preciso tempo, tempo! — Toni forçava-se por sussurrar, apesar da excitação. — Estou entendendo tudo, tudo!

— Entendendo o quê, meu filho?

— O professor Frederico sofreu o acidente, ou a tentativa de assassinato, na noite do dia 19. E só foi internado no Metropolitano às onze horas do dia seguinte. Mas não foi ele quem foi internado. Foi outro homem, um careca, com o nome dele! Demoraram um tempão para achar alguém que pudesse ser internado no lugar do Velho!

— Por que alguém internaria outra pessoa no lugar do professor Frederico? — perguntou Marta, sem conseguir perceber qualquer lógica na descoberta do filho. — Seria fácil perceber essa manobra. Como enganar a família?

— Nenhum membro da família Moura vem ao Metropolitano, mãe. Falei hoje com o filho e o genro. Gustavo está proibido de visitar o sogro porque tem algum vírus. E Laércio, para não correr riscos de contaminar o pai, também não entra na UTI. Tudo o que os dois fazem é ficar em contato com os médicos, para saber do estado dele...

— Estou achando isso muito mal explicado, meu filho...

Carla acariciava os pêlos de Chip, mas seus olhos estavam presos em Toni:

— Mas por que alguém trocaria o professor Frederico por outra pessoa? E se o velho que está lá na UTI não é ele, onde está o professor Frederico?

— Esse é o ponto, Carla! Onde está o Velho? Temos de encontrá-lo, antes que ele seja assassinado!

— Nem fale em assassinato, Toni! — Marta pegou no braço do filho. — Mas alguém haveria de perceber essa troca absurda. E os médicos que tratam dele?

— Você sabe quem são esses médicos, mãe?

— Não. Não são médicos do Metropolitano. Isso eu também li na ficha. Tal como o falso enfermeiro grandalhão e malcriado, são dois médicos desconhecidos que assumiram

o paciente. Mas os plantonistas normais do hospital, tanto médicos como enfermeiras, entram lá a toda hora...

— E qual é o problema? Você acha que os residentes e as enfermeiras do Metropolitano conhecem o professor Frederico?

O ônibus levava os três para o centro da cidade. O corpo de Marta implorava pela volta à casa, um chuveiro e um colchão macio. Mas estavam rodando de volta ao Cidinha, seguindo o palpite de Toni:

— Temos de descobrir para onde foi levado o verdadeiro professor Frederico. Ou se foi levado para algum lugar...

— E como é que você vai descobrir isso? Toni respondeu com outra pergunta:

— Mãe, o dinheiro que você tem dá para um sanduíche e um copo de café?

— Por quê? Você está com fome?

— Não é para mim, mãe. É para seu João, o vigia do Cidinha...

20 — Troca de cadáveres

Ele estava chateado. Desembrulhou o chiclete e meteu-o na boca. Amassou a embalagem e jogou-a na calçada ao ligar o carro.

— Dê um jeito!— ordenara Don Peperone. — Esses dois moleques sabem demais.

Livre-se deles de qualquer maneira. Eles precisam sumir! Prestíssimo!

A casa do tal Toni estava vazia. Na casa da menina, ele só encontrou a tia, que abriu a porta com cara de sono e roupa de dormir.

— A Carla? Foi dormir na casa de uma: amiga... Desculpe, mas não sei onde fica...

"Porcaria! Droga de vida!", lamentava-se ele, ouvindo o arranhar da segunda marcha.

— Toni! — implorava Carla. — Fique calmo, por favor, e explique direitinho qual é esse palpite. Não estamos entendendo nada!

— Está bem, vamos recapitular. Suponhamos que o autor do desfalque, pressionado pelo Velho, tenha tentado matá-lo, jogando-o pelas escadas do Cidinha... Ou que nem tenha jogado ninguém por escada nenhuma, mas quisesse preparar um crime

perfeito...

— Quer dizer que o Velho ainda pode estar vivo? — Se ele tivesse morrido, nunca mais poderia acusar ninguém de desfalque, não é? Daí, a armação que eu estou pensando não seria necessária...

— Que armação é essa?

— É brilhante, pessoal! Esconderam o professor Frederico, ferido ou não, em algum lugar e internaram no lugar dele alguém com muitas fraturas, quase morto. Na certa até provocaram essas fraturas naquele pobre velho careca...

— Que horror! Mas por que alguém faria isso?

— Fácil: quando o careca morresse, teriam um atestado de óbito, legalíssimo, assinado pelos médicos plantonistas do Metropolitano. Em nome do professor Frederico!

— Mas para que serviria isso?

— Para legalizar um assassinato, Carla! Quando o careca morresse, aí sim o professor seria assassinado!

— Meu Deus!

— Depois de matarem o Velho, seria fácil trocar seu cadáver pelo corpo do careca no caminho para o velório, por exemplo. Assim, todo mundo que conhecia o professor poderia comparecer ao necrotério, chorar por ele, levar flores, e tudo estaria certo, pois todos veriam o professor dentro do caixão!

Carla estava apavorada:

— Mas isso tudo vai acontecer mesmo, Toni! O careca já está morto!

— Tomara que demorem um pouco para saber disso, Carla. Tomara que demorem...

— Vamos falar com a polícia, Toni!

— Você chama a polícia, mãe. Mas, para invadir o Cidinha eles vão precisar de ordem do juiz, mandados e não sei mais o quê. E o professor pode ser assassinado de uma hora para outra. Nós temos de agir depressa!

— Eu e a Carla

— Eu e a Carla.

— O quê? Vocês vão invadir o Cidinha?!

— Vamos. É apenas um palpite, mãe. Mas aposto que o professor ainda está lá, dentro do colégio!

— Mas...

— Mãe, a delegacia fica perto daqui. São três quadras para a esquerda do colégio

e depois mais uma, virando à direita. Corra lá. Os policiais com quem a gente falou chamam-se Barbosa e Xavier. Deve ter alguém de plantão que possa localizar um deles. Vá lá, por favor. E traga a polícia aqui o mais rápido que puder. Vou dar um jeito de fazer eles entrarem lá, sem ordem judicial nem coisa nenhuma!

Já passava muito de uma hora da manhã. Marta procurava não pensar na exaustão. O que ela deveria fazer? Acabar com aquela loucura? Dizer "chega" e levar todo mundo pra casa? Mas, depois, como ela poderia repetir àquele filho que ele tinha capacidade para fazer qualquer coisa na vida?

Jogaria fora todo um esforço de educação especial para fazer de Toni um garoto como os outros? Mas será que os outros garotos também se metiam em maluquices como aquela? Só o que ela sentia era orgulho daquele menino. O seu menino...

"Pronto! ", pensou a enfermeira, caminhando com decisão. "Agora eu vou até o fim!"

Encostaram-se na parede, na esquina em frente ao Cidinha, enquanto Marta distanciava-se, apressada.

Carla lembrava-se da manhã do dia 20, o dia em que tinha de entregar a pesquisa de Ciências. Mas, em vez do sinal para a primeira aula, o que houve foi uma convocação de todo mundo para o pátio: alunos, funcionários e professores. Foi quando o doutor Laércio e Gustavo comunicaram o acidente do professor Frederico.

Ela já nem sabia se devia ou não acreditar em acidentes. Nem sabia mais em que acreditar...

Toni raciocinava:

— A noite do dia 19... O que mais aconteceu naquela noite? Deixa ver... Já sei!

Foi difícil encontrar os destroços do Monza no meio daquele enorme cemitério de automóveis às escuras. O vigia ficou furioso por ser acordado àquela hora, mas acalmou-se, não tanto pelo distintivo que Barbosa e exibiu, mas pela corpulência daquele investigador.

Uma chave de roda abandonada serviu de alavanca, para Barbosa abrir o que restava do capô retorcido. Havia trazido uma lanterna e esquadrinhou o motor.

Graxa velha sujou-lhe o temo, mas ele nem ligou. Entendia um pouco de mecânica e ali não encontrou nada suspeito. Deitou-se no chão de barriga para cima e enfiou-se debaixo do carro, com a lanterna acesa. Agora sim, seu terno estava irremediavelmente imundo.

De repente, localizou a verdadeira causa do "acidente": "O que é isso? Que

horror! Aqueles incompetentes!", xingava ele em pensamento a inépcia dos técnicos.
"Como é que não viram isso? Isso não foi provocado pela batida..."

Próximo à roda, havia uma pequena rachadura no duto de borracha do freio.

Barbosa sabia que o fluido teria demorado um pouco para vazar, mas, aos poucos, a pressão da frenagem tinha se incumbido de tornar inúteis os freios do Monza...

"Trabalho de profissionais!"

A lanchonete que se aproveitava das mesadas dos estudantes ricos do Cidinha durante o dia virava barzinho de desocupados durante a noite.

Quase duas horas da manhã, o proprietário começava a descer a porta metálica, fechando seu negócio, quando dois jovens e um cãozinho apareceram.

Cheio de má vontade, concordou em preparar um sanduíche frio e serviu o que restava na máquina de café em um grande copo descartável.

— O açúcar está aí. Peguem o que quiserem, que eu já passei da hora de fechar.

O rapazinho de óculos escuros perguntou, educadamente:

— Desculpe, mas o senhor se lembra da noite do dia 19 passado?

— O quê? Como é que eu vou me lembrar de qualquer noite? Todas as noites são iguais aqui. Tocar bêbados para fora e ouvir conversa fiada...

— É mesmo... Trabalho duro o seu, não? Mas no dia 19 teve jogo do Brasil, não se lembra? — perguntou Toni.

— Claro que me lembro. Porcaria de seleção, não tem ninguém do meu time.

— É... aquele empate foi chato mesmo... — concordou o garoto, querendo agradar.

— Pois é. Mas é que eu tenho uma curiosidade: nessa noite, lá pelas sete horas, o senhor se lembra de uma ambulância saindo aqui do Cidinha?

— Ambulância? Não vi nenhuma ambulância.

Toni continuou com seu jeito educado, cativante, a quem ninguém negaria responder, por mais cansado que estivesse:

— E o senhor não se lembra, então, de ver carregarem alguém ferido... talvez em um carro particular mesmo?

— Ninguém carregou ninguém naquela noite. Sempre fico de olho lá fora, vigiando as mesinhas da calçada a noite inteira, para ver se ninguém se manda sem pagar a conta.

— Puxa! Então ninguém saiu carregado daqui naquela noite?

— É claro que não, garoto!

21 — E onde estará o professor?

Seu João agradeceu demais o lanche que os dois lhe ofereciam. Nem se lembrou de estranhar um presente como aquele, oferecido por dois alunos do Cidinha às duas da manhã. Àquela hora, o lanche vinha a calhar.

— O café está muito frio, seu João?

— Está morninho... Melhor do que da garrafa térmica que eu sempre trago. Hoje nem vim com ela. Acabou o pó lá em casa... — mentiu ele, sem coragem de confessar que o que tinha acabado em sua casa era o dinheiro.

"Essa dona Verônica Moura Marcondes não morreu de acidente coisa nenhuma. Ela foi assassinada!"

Furioso, Barbosa tentava fazer pegar o motor da velha C-14.

— Seu João, o senhor se lembra da noite em que o professor Frederico saiu carregado daqui, depois do acidente?

O homem estava de boca cheia, devorando com prazer o sanduíche. Daquela vez, ele nada tivera para trazer na marmita.

— O quê? Você está falando do acidente do diretor? Coitado... Soube disso no dia seguinte...

— No dia seguinte, seu João? O senhor não viu o diretor sair daqui, ferido?

— Isso deve ter sido antes de eu pegar no serviço. Durante o meu turno ninguém saiu daqui carregado.

Toni suspirou baixinho.

Foi Carla quem continuou:

— A que horas o senhor pega no serviço, seu João?

— Às seis...

— E o senhor não se atrasou, na noite do dia 19?

— Nunca, menina. Eu nunca me atraso. Preciso desse emprego. Tenho seis filhos pra criar. Um deles ainda é desse tamanho assim...

"Quem poderia querer dona Verônica morta?"

Barbosa sorriu amarelo. Em ocasiões como aquela, o manual não-escrito de todos os policiais dizia: SIGA O MARIDO!

Os dois tinham voltado à esquina, fugindo do raio de visão do vigia.

Toni não parava de raciocinar:

— No dia 19 eu fiquei na videoteca até depois das seis, Carla. Quando saí, o professor Frederico ainda estava na sala da diretoria, trabalhando. Lembro perfeitamente!

— Como é que você sabe, Toni?

— A voz dele é inconfundível, Carla. Eu o ouvi conversando com o filho.

— Então você está certo mesmo: o professor ainda está lá, dentro do Cidinha!

Toni sorriu, triunfante:

— Ninguém tirou ele de lá, Carla. E sabe do que mais? Aposto que sei até quem fica tomando conta do Velho...

— Quem?

— Lembra-se que o Tadeu não saiu do colégio, no fim do expediente?

— É claro! — exclamou a menina. — Você acha que é ele que fica a noite inteira cuidando do professor? E ele está informatizando a contabilidade, Toni! Vai ver foi ele quem deu o desfalque!

Toni balançou a cabeça:

— Acho que não... seu pai confessaria o crime para acobertar logo o idiota do Tadeu? Claro que não. Depois, o Tadeu entende de computadores e também não faria alterações "grosseiras" nas contas. Acho que tem alguém mais alto aí...

— Mais alto? Só se for um dos diretores!

— É isso, querida!

— Espere aí: disseram que o professor rolou as escadas do terceiro andar! A sala de Gustavo fica no terceiro andar, Toni!

A C-14 parou bem em frente à portaria do prédio. Barbosa aproximou-se da grade do condomínio e apertou o fone de comunicação, acordando o porteiro:

— Ligue para o apartamento de Gustavo Marcondes!

A voz do porteiro veio arrastada:

— Quem deseja?

— É a polícia!

Toni e Carla lutavam para encontrar as outras pontas daquele novelo. Os olhinhos da menina brilhavam. Ela estava lutando pela honra do próprio pai.

— Só não posso imaginar onde poderiam ter enfiado o professor Frederico, Carla... — pensava Toni, em voz alta. — Conheço todos os três andares do Cidinha como a palma da minha mão. Poderia até desenhar a planta dessa escola inteirinha. Não há

nenhum canto lá em que se pudesse esconder uma pessoa. E ainda mais duas, se contarmos com o Tadeu ou com quem fica tomando conta do Velho durante o dia...

Carla tocou-lhe o braço. Ainda havia uma possibilidade:

— Só se for no porão, Toni.

— No porão? Que porão?

A menina olhou para aquele garoto especial. Tinha estudado por quase nove anos naquele colégio... Só que nunca pudera ver a fachada. Qualquer passante poderia dizer que havia um porão baixo sob toda a extensão do Cidinha.

Carla acariciou a cabeça de Toni, percebendo que havia coisas no mundo que ele não podia ver. Aquele garoto fizera tanto naquele dia, que ela se esquecera que ele não podia tudo...

— Há um porãozinho baixo no Cidinha, Toni...

Toni resmungou. Ficava furioso quando descobria alguma fraqueza nele mesmo. Mas logo afastou a decepção e perguntou:

— Um porãozinho baixo? Temos de entrar lá, Carla. Você conhece alguma entrada?

— Meu Deus! — exclamou Carla. Devem ter jogado o cadáver do professor no porão!

Toni tranqüilizou-a:

— Nada disso. O professor só pode estar vivo... Se ele estivesse morto, você não acha que, em duas semanas, todo mundo já não teria descoberto pelo cheiro?

— É mesmo...

— E a entrada, Carla?

— Bom... uma vez eu vi uma portinha perto da escada da cozinha, lá nos fundos do prédio.

— Vamos, Carla. Tenho um plano!

22 — Chip adora brincadeiras

— Alô... Don Peperone?... Desculpe acordar o senhor a esta hora mas é que... Pare de gritar um pouco, Don Peperone. A coisa é urgente... A enfermagem acabou de passar por aqui... O velho careca morreu, Don Peperone... Que ótimo, não é mesmo? ...Sim, já pedi para o médico de plantão preencher o atestado de óbito... O senhor vai para

a escola agora com o Giovani? ... Está bem, Don Peperone... Eu fico aqui no hospital tomando conta do cadáver...

Carla não se deixava dominar nem pelo cansaço, nem pelo frio. Estava lutando pela liberdade do pai, sob a liderança de um guia maravilhoso.

Cautelosamente, os dois deram a volta no quarteirão contornando a grade da escola. De longe, Carla via a entrada da cozinha. Seu João tinha acabado de abrir a porta e estava sentado na soleira, mal iluminado por uma lâmpada que acendera lá dentro.

Toni sussurrou um tempão no ouvido de Chip. O rabo do cachorrinho sacudia freneticamente, como se estivesse entendendo tudo e adorando a proposta.

Seu dono colocou-o devagar por cima da grade. O cachorrinho pulou para o gramado do jardim. No mesmo instante, pôs-se a correr na direção da porta da cozinha, latindo sem parar.

— Au, au!

Carla viu seu João levantar a cabeça, surpreso.

Chip chegou a poucos metros do homem e parou.

— Que é que faz esse cachorrinho aqui? Venha cá! Pra fora!

Chip fez meia-volta e correu na direção contrária. Esbaforido, seu João correu atrás.

— Tudo bem, Toni. Vamos lá!

Os dois pularam a grade e, de mãos dadas, correram na direção da cozinha.

A portinha é aqui, Toni. Ei, espere um pouco...

Toni percebeu que Carla afastava-se um instante e logo voltava.

— O que é que você foi fazer?

— Seu João esqueceu a lanterna no degrau, Toni. Fui buscar...

— E pra que você precisa disso?'

— Ora, Toni! Na escuridão desse porão, eu preciso de uma lanterna!

— Tem gente que precisa de cada coisa inútil... — comentou o rapaz, enfiando-se pela portinha.

O porãozinho era baixo mesmo. Andando de quatro, os dois amigos arrastaram-se pelo chão empoeirado.

Aquele porão era o único lugar onde poderiam ter escondido o professor Frederico, mas nenhum dos dois tinha coragem de dizer ao outro que parecia muito improvável que tivessem deixado o Velho durante duas semanas num espaço tão baixo, onde ninguém podia ficar de pé.

Por um momento, Toni temeu que o professor estivesse morto mesmo e enterrado naquele porão. Mas logo afastou essa idéia, confiando em sua própria teoria: se o Velho estivesse morto, como os bandidos iam trocar um cadáver putrefato, depois de duas semanas de cova, pelo cadáver fresquinho do velho careca?

"Ai!", pensou Carla. "Não posso acender essa lanterna. Seu João vai notar a luz!"

Teve de resignar-se a seguir o amigo, agarrando-se às suas roupas, pois não havia nenhum sinal de luz até onde ela podia enxergar a extensão do porão.

Toni rastejava na frente. Conhecía perfeitamente a planta do Cidinha. O porão, naturalmente, seguia o mesmo desenho, pois era constituído pelo vão entre os alicerces.

Ouviu nitidamente passinhos miúdos que corriam por todos os cantos, à medida que eles avançavam.

— Carla...— sussurrou ele. — Por favor, não me vá fazer um escândalo se encontrar algum rato, hein? "Ratos?! Que horror!"

— Pode deixar, Toni. Não sou nenhuma menininha fresca! — respondeu ela, gelada de medo com a idéia de deparar com um rato peludo.

Mentalmente, Toni orientava-se por baixo do Cidinha, procurando esgotar toda a planta do porão.

— Carla, tem alguma coisa estranha nesse porão...

Há minutos, os dois rastejavam ao longo de uma parede totalmente fechada, sem nenhuma passagem. Mas Toni tinha certeza de que tinham percorrido apenas um terço da estrutura do Cidinha. Devia haver muito mais porão...

— Tem uma parte emparedada, Carla...

— Como assim?

— O porão devia ser muito maior. Estamos dando sempre em uma parede sólida. Há uma parte fechada, que só deve ter acesso por alguma outra entrada...

— E agora, Toni?

De repente, o frio que sentia fez o rapaz lembrar-se de um ventinho... que sentira naquela tarde.

— Já sei, Carla! Já sei onde está o professor. E sei muito bem como chegar até lá!

Guiada por Toni, Carla estava de volta à portinha de entrada do porão. Espiou cautelosamente. Seu João não estava por perto. Chip devia estar lhe dando um belo cansaço...

Saíram agachados e logo estavam dentro da cozinha, cuja porta seu João esquecera aberta.

— Venha, Carla. Vamos para a sala da diretoria. Tentando acompanhar os passos apressados do amigo, a menina caminhava apoiando a mão no ombro de Toni, pois não enxergava coisa alguma na escuridão dos corredores.

— É aqui.

Abriu a grossa porta da sala e os dois entraram em silêncio, fechando-a em seguida.

23 — Fomos enganados!

Marta entrou no saguão da delegacia e aproximou-se de um balcão, atrás do qual estava um homem, meio dormitando.

— Com licença...

O homem abriu os olhos e encarou-a, mal-humorado:

— Hum, o que a senhora quer?

— É urgente. Preciso falar com o investigador Barbosa. Ou com um outro, chamado Xavier!

As cortinas estavam bem fechadas e Carla pôde acender a lanterna sem risco de serem descobertos pelo vigia, lá fora.

A luz brilhou, revelando Toni agachado no tapete. Compenetrado, ele tateava uma estante de livros. Tinha sentido novamente o ventinho suave que parecia passar por baixo da estante.

— Carla, veja se encontra uma espátula...

A menina nem perguntou para que ele precisava de uma espátula, porque aquela não era hora de conversa.

Com a luz da lanterna, procurou qualquer coisa parecida com uma espátula em cima do tampo da bela mesa da diretoria. Ao lado da janela, havia um armário.

Carla abriu-o e vários rolos de papel caíram sobre ela, espalhando-se no chão.

— O que é isso?

— Devem ser os mapas que eu derrubei de cima da mesa hoje à tarde, Carla.

— Mapas, Toni? — apontando a lanterna com uma das mãos, a menina desenrolou um dos tais "mapas". Isso são plantas!

— Plantas? Como assim?

— Uma porção de plantas! — freneticamente, Carla desenrolava os papéis e

explicava para o amigo. — De um shopping center. Coisa grande! E você não adivinha uma coisa...

— O quê?

— Aqui estão assinaladas as ruas onde este shopping center será construído... São estas ruas, Toni! É a área inteira do Cidinha!

Toni parou de apalpar a estante.

— Um shopping center? Aqui, no terreno do Cidinha? É mesmo! Este terreno é enorme, muito bem localizado. Um lugar ideal para um shopping!

— Ora, Toni! O professor Frederico só concordaria com a demolição do Cidinha para a construção de um shopping depois que alguém tivesse passado por cima do...

— Do seu cadáver, Carla? Por isso é que temos de nos apressar. Para que ninguém passe por cima do cadáver do professor Frederico!

— Ai, Toni! A prisão do meu pai tem muita coisa por trás!

— Você está percebendo? Alguém quer afastar o professor Frederico definitivamente, para fechar o colégio e vender o terreno para a construção de um enorme shopping center! E não duvido nada de que a morte da professora Verônica, no começo do ano, tenha sido o primeiro passo para anular as oposições a esse projeto!

— E tudo isso está sendo feito por... ai, não consigo nem aceitar uma barbaridade dessas! Gustavo devia estar tirando dinheiro do Cidinha e...

— Tudo se encaixa: os cargos do seu pai e do Tadeu são da área financeira, a que está sob a chefia do Gustavo. De algum modo, o danado deu um jeito de livrar a cara obrigando seu pai a confessar o crime!

— Coitado do papai... Mas, será mesmo que Gustavo teria coragem de matar a própria mulher? E o sogro? E o que acontecerá com Laércio? Ele é um apaixonado por educação. Deve ser o próximo da lista!

— É uma lista grande, Carla...

— No que é que a gente está se metendo, Toni?— Carla estava apavorada.

— Já estamos metidos nisso até o pescoço, Carla!

A menina encontrou um cortador de papéis numa das gavetas do armário. Toni começou a passar o cortador entre o tapete e a base da estante. Não encontrou nenhuma resistência, como se um dos módulos da estante estivesse suspenso no ar, sem apoiar-se no tapete.

— Carla, a lateral dessa estante tem duas tábuas, uma em cima da outra. Vamos ver.

Enfiou o cortador entre as tábuas. Em determinado ponto, a lâmina foi detida por algo sólido.

Tateou perto do local. Com as pontas dos dedos, sentiu uma leve depressão na tábua, do tamanho de uma caixa de fósforos. Apertou firme.

Como se fosse a caverna do Ali Babá, a estante inteira recuou.

— Abre-te, Sézamo! tinha uma entrada secreta, Toni!

— Psiu, Carla... — agarrou a menina bem perto de si, colando a boca em seu ouvido.— Não podemos fazer nenhum ruído. Preste bem atenção: minha mãe deve chegar logo, trazendo a polícia. Vamos entrar como se fôssemos fantasmas.

Apague a lanterna e segure em mim...

A escuridão era total agora. Com as pontas dos tênis, Toni percebeu que havia uma escada para descer. Aquele trecho secreto do porão era escavado, mais profundo, de modo que as paredes tivessem altura normal, como qualquer casa.

Provavelmente um antigo depósito de carteiras quebradas, construído há décadas.

Carla agarrou o ombro da jaqueta de Toni e deixou-se guiar na descida da escada.

Lá embaixo, o porão era um labirinto vazio mas, mentalmente, Toni tentava lembrar-se da planta do Cidinha, e assim podia adivinhar a existência de cada parede. Em certo ponto, Carla puxou-lhe a cabeça e sussurrou-lhe no ouvido:

— Há uma luz à frente, Toni...

— Onde?

— À esquerda. Mais ou menos debaixo de onde deve ficar a sala da biblioteca...

Toni parou. Não podia continuar avançando, sem correr o risco de ser visto.

Carla tomou a iniciativa:

— Fique quietinho aqui, Toni. Eu vou dar uma espiada.

— Tome cuidado, Carla.

A luz fraca que vinha daquele lado permitia que a menina enxergasse para onde ia. Colou-se à parede e avançou, pé ante pé.

Chegou ao lado de uma porta semi-aberta.

De dentro, ouvia apenas um ressonar suave.

"Tem alguém dormindo lá dentro!"

Com o coração aos pulos, enfiou a cabeça pelo vão da porta. O que ela viu quase fez com que soltasse um grito. "Encontramos!"

Voltou com mais cuidado ainda e sussurrou no ouvido de Toni:

— O professor Frederico está lá, Toni. Eu vi. Está imóvel... parece morto... E você nem vai acreditar em quem está lá dentro, dormindo num colchão perto da porta...

— É fácil adivinhar, Carla. Quem está lá é o Tadeu! Só tem ele lá? Como está deitado?

— Só tem ele, além do Velho. E ele está dormindo de bruços... Por quê?

— Me dê a gravata do Barbosa, que você guardou no bolso. Ouça o que nós vamos fazer...

Chip corria de um lado para outro em volta do prédio do colégio.

Seu querido dono e a nova amiga que lhe fazia cafuné tão bem tinham desaparecido há tempo demais para o gosto do cachorrinho, que detestava ficar só.

Farejava cada canto detalhadamente, como se fosse um detetive procurando pegadas no barro com uma lente. Localizou o cheiro familiar na portinha do porão e entrou correndo, sem ligar para as dezenas de ratazanas que fugiam para todos os lados, ao perceberem a invasão de um inimigo natural.

"Que os ratos fiquem para o gatos!", parecia pensar o cachorrinho, concentrando-se na busca dos amigos. Voltou e reencontrou a pista, subindo as escadinhas que davam na grande cozinha do colégio.

24 — Cinco pessoas para matar

Tadeu foi acordado pela pressão de uma ponta dura a apertar-lhe as costelas. E uma voz grossa falava duramente:

— Quietinho aí! É a polícia! Nem pense em se mover!

— Hum...?

— Calado! Se não quer levar um tiro!

Da rua deserta, vinha o ruído do motor de um carro. E Toni percebeu que as velas daquele carro falhavam e que a segunda marcha arranhava muito.

"É a polícia mesmo! Estamos salvos!"

Agachada, Carla apertava o dedo indicador nas costas de Tadeu. Toni, depois de ter feito a voz mais grossa e autoritária que conseguia forçar, abaixou-se ao lado dela, pressionou as costas do homem deitado com os joelhos e não teve dificuldade em agarrar-lhe os braços e puxá-los para as costas. Com habilidade, amarrou-lhe os pulsos

com a gravata ensebada, dando dois nós.

Da escada secreta, vinham ruídos de passos. Os ouvidos treinados de Toni contaram várias pessoas. Quatro, talvez cinco... ou seis. Uma delas era pesada demais. Devia ser Barbosa.

— Pronto, Carla! A polícia já chegou!

Ao ouvir aquela voz jovem, agora sem disfarce nenhum, Tadeu virou a cabeça.

Iluminados pela lâmpada fraca que estava suspensa no teto, estavam dois alunos do Cidinha.

— O que é isso? Dois moleques da escola!

— Calado, Tadeu! — ordenou Toni, triunfante. Acabou a brincadeira. Agora é a polícia mesmo!

Antes que Carla pudesse ver o primeiro rosto que entrava no salão subterrâneo, Toni já tinha percebido o cheiro forte de chiclete.

Xavier entrava com um revólver apontado para a frente. Com a outra mão, arrastava seu João, algemado a mais uma pessoa.

— Toni, Carla! Fomos enganados...

As lágrimas corriam pelo rosto de Marta...

Mais três homens entraram em seguida. Carla não podia entender como o corpo obeso de um deles tinha conseguido passar pela entrada secreta.

— Mascalzoni! Incompetenti! Como é que vocês deixaram dois moleques se meterem tanto na nossa vida? Vocês não servem nem para assaltar um jardim de infância!

O delegado Mendes e o investigador Xavier estavam de cabeça baixa, recebendo a bronca, como se fossem crianças diante do pai. Nem pareciam duas autoridades policiais. Xavier tratou de desamarrar Tadeu.

"Meu Deus! ", apavorou-se Carla. "Toda a polícia está do lado dos bandidos!"

Os capangas haviam arranjado um caixote vazio para o chefe sentar. Era de madeira reforçada, mas vergava-se sob o peso imenso do homem que os bandidos chamavam de Don Peperone.

Sentados no chão, Marta, seu João, Toni e Carla estavam sob a mira de dois revólveres.

Deitado num colchão imundo, o professor Frederico parecia pálido como um cadáver, mas Marta percebeu que seu peito subia e descia suavemente. Ele estava vivo, mas dopado, como se estivesse prestes a ser levado para uma sala de cirurgia. Uma bandagem suja de sangue envolvia-lhe o peito.

Don Peperone ajeitava o paletó, vestido sobre o pijama. Parecia mais calmo, depois de ter desancado seus cúmplices, exibindo a autoridade de um chefe mafioso de filme americano.

— Ma, in fondo, tudo acabou bene! O único problema é de vocês, incompetenti. Em vez de um só, vão ter cinque persone da uccidere...

Carla sussurrou para Toni:

— O que quer dizer "uccidere"? — Quer dizer "matar", Carla...

De repente, Don Peperone soltou um grito:

— Aiuto! Che cosa é questa?

— Au, au!

Um cachorrinho peludo invadia o salão subterrâneo e ferrava os dentes na calça do pijama de Don Peperone!

25 — Quietos, canalha!

O valente Chip já tinha sido dominado por Tadeu. O empregado traidor pegou a gravata de Barbosa e carregou o cachorrinho, para amarrá-lo numa viga do corrimão da escada secreta. Voltou logo em seguida.

— Va bene, giovinetto dei ócchi neri... — começou o imenso vilão, dirigindo-se a Toni, já mais calmo depois do susto que sofrera com a fúria do cachorrinho. — Por que você e essa bela bambina tinham de se meter onde não são chamados?

O coração de Toni batia acelerado. Ele, Carla, sua mãe e seu João estavam agora incluídos, junto com o professor Frederico, na lista dos próximos assassinatos daquela quadrilha. Precisava ganhar tempo... Mas, para quê? Ninguém sabia que eles estavam ali, presos num subterrâneo secreto... Criou coragem e resolveu enfrentar os bandidos como se fosse um herói de filme americano:

— Já descobrimos tudo, Don Peperone. Vocês querem acabar com o Cidinha. Este colégio ocupa o último grande terreno do centro desta cidade, e vocês querem construir um shopping center aqui!

— Beníssimo! Sagace ragazzino! Como descobriu isso?

— Descobri muito mais! É claro que o professor Frederico nunca concordaria em fechar o Cidinha. Ele precisava ser afastado, não é? Mas havia alguém, aqui, dentro do Cidinha, que estava do lado podre de vocês! O trabalho sujo ficou para ele! E o demônio

jogou o professor Frederico pelas escadas!

Don Peperone arregalava os olhos, surpreso com tudo aquilo que o menino sabia.

Mas sorria, pois estava mais do que seguro. Aquele garoto não viveria para contar suas descobertas a ninguém.

— Quase, ragazzino! Não foi difícil trazer o homem profumatto para o nosso lado.

Ele gostava de jogo e foi só financiar suas extravagâncias com as cartas. Sua dívida ficou grande, como eu tinha planejado. O coitado ainda tentou tirar dinheiro do colégio para cobrir o que devia, mas nós tínhamos providenciado para que essa dívida fosse impossível de ser paga.

— Bandidos! — gritou Carla. — E como é que vucês obrigaram meu pai a confessar que foi ele quem tirou esse dinheiro?

— Foi brilhante a minha idéia, não foi, bambina? O ragazzo pro fumatto não sabia o que fazer, quando o contador descobriu os desfalques. Mas eu expliquei direitinho para ele como se faz uma boa chantagem. Afinal, a mulher do seu Afonso precisava viver, não é? E a filha precisava continuar estudando sem pagar, non é vero?

— Malditos!

— Mas ele não jogou ninguém das escadas— continuou Don Peperone, sem ligar para a raiva da menina.

— O professor Frederico foi tirar satisfações com ele e ameaçou transformar a escola numa fundação administrada pelos professores, impedindo que o terreno jamais pudesse ser vendido. Na discussão, ele perdeu a cabeça e acabou usando um cortador de papéis no peito do velho professor... Pecatto! Se o professor Frederico aparecesse esfaqueado, todo nosso plano iria por água abaixo, não é?

Toni cortou:

— E aí vocês encontraram um velho todo fraturado e o internaram num hospital de luxo, que faz poucas perguntas para quem paga alto! Era só esperar o velho morrer que teriam um atestado de óbito normal, em nome do professor. Depois, bastava trocar os cadáveres e a população dessa cidade enterraria nosso diretor sem desconfiar de nada!

— Bravo, ragazzino! Quase certo, de novo! Depois da infeliz facada, tínhamos de arrumar as coisas. Só que o velho mendigo que nós achamos não tinha nenhuma fratura. Foram as mãos do nosso colaborador, o Giovani aqui, que providenciaram uns ossos quebrados...

Carla olhou as mãos enormes do capanga e imaginou-o quebrando metodicamente os ossos de um pobre e velho mendigo, de modo que ele só fosse morrer

mais tarde, no hospital...

No escuro da escada secreta, Chip tentava roer aquela coleira de pano.

— E tudo vai acontecer do jeitinho que você falou, ragazzino — continuou o imenso bandido. — Só estamos esperando que o Zeppe, aquele que você conheceu no hospital, venha para cá trazendo uma perua grande, pois agora temos cinco peixes para jogar na água... Depois, como o velho mendigo já está morto e o atestado de óbito já está nas mãos do Zeppe, usaremos a mesma perua para levar o cadáver do professor Frederico para um ponto combinado. Acho que dá para fazer tudo isso antes do amanhecer, você não concorda? O carro fúnebre vai estar sendo dirigido por uma papa-defunto que nos deve qualquer piccoli favori e vai ser fácil trocar os dois velhos. Mais um para tomar banho no rio...

— Bandido! — xingou Carla de novo. — Mas vocês não vão escapar dessa!

— Não vamos? E quem vai nos impedir? Até a polícia aqui está do nosso lado... — apontou para Mendes e para Xavier e voltou-se de novo para Toni. Ah, ragazzino, o Zeppe me ligou, do hospital, depois que você saiu de lá. O idiota estava tranqüilo, dizendo que você não poderia ter descoberto nada por causa dei suoi ócchi neri...

Mas eu quase morri de susto quando o Zeppe disse que você tinha accarezzato a careca do mendigo. Scuzi, ragazzino, mas o Giovanni não conseguiu encontrar nenhum velho mendigo com uma cabeleira como a do professor Frederico...

— E o plano é antigo, não é, Don Peperone? — completou Toni, sorrindo desanimado. — Começou a ser executado quando vocês assassinaram a professora Verônica Moura, não é?

Desta vez, o gordo espantou-se de verdade:

— Ragazzo vilano! Você descobriu isso também?

O gordo bandido tentou levantar-se.

Foi aí que o caixote não agüentou mais e... crac! Partiu-se o corpo imenso desabou no chão sujo do subterrâneo.

— Don Peperone! Stai offeso?

Giovani, Xavier e Tadeu correram para socorrer o chefe.

Carla aproveitou a ocasião. Enfiou a mão no bolso da jaqueta de Toni, pegou a bengala, pôs-se de pé e, com um movimento, armou a bengala e bateu na lâmpada que pendia por um fio do teto!

— Agora é com você, Toni!

O rapaz tinha ouvido a lâmpada espatifar-se. Ah, finalmente ele estava em

posição de superioridade! A escuridão era seu ambiente de nascença e, sem fazer qualquer ruído, correu para a saída do salão.

— Attenzzione! Il ragazzo!

Um clarão iluminou tudo por uma fração de segundo e ouviu-se o estampido de um tiro.

— Non sparare! va a uccidere il capo!

— Não atirem! Vão atingir Don Peperone!

— Peguei!

— Cosa ha preso, imbecile? Sono io!

Marta e Carla estendiam as pernas e procuravam fazer tropeçar os bandidos, que já estavam atrapalhados o suficiente.

— Presto! Il ragazzino, incompetenfi! Lui va a scapare!

Toni corria pelo labirinto subterrâneo sem sequer esbarrar nas paredes. Em segundos, estava no pé da escada secreta. Sua mente estava um vulcão:

"Ragazzo profumaito, foi o que disse o gordão! Ai, eu estava errado o tempo todo!"

Quando chegou na passagem que dava na sala da diretoria, sua primeira impressão foi o perfume forte da colônia caríssima do...

— Doutor Laércio!

Ouviu a voz simpática do jovem diretor:

— Toni! O que você está fazendo aqui, a essa hora da madrugada?

O garoto parou na abertura da estante, sorrindo e ofegando. Lá embaixo, no porão, continuava a ouvir imprecações em italiano e ruídos de luta.

— Tudo bem, doutor Laércio?

— Como, "tudo bem"? O que está acontecendo é que houve com essa estante? Caiu?

Toni não se abalava e repetia:

— Tudo bem, doutor Laércio? Eu perguntei "tudo bem"...

— Tudo bem?! Você está ficando maluco, Toni? — perguntou o diretor, surpreso.

— Comigo está "tudo bem".

— Como assim, Toni?

— É uma longa história, doutor Laércio... Uma história que começou com "erros grosseiros". Cheguei a pensar que esses erros tinham sido cometidos pelo seu cunhado, o Gustavo... Que bobagem, não? Gustavo é pós-graduado em administração de empresas e

jamais cometeria erros grosseiros em contabilidade, não é? Já o senhor... os números não são o seu forte... Mas, afinal de contas, tudo vai ficar bem, não vai?

— O que é que você está dizendo?

— Estou dizendo "tudo bem". O mesmo que o senhor falou ao telefone, ontem... Eu sabia que havia alguma coisa errada desde aquele momento, doutor Laércio. Seu Afonso acabava de ser levado pela polícia, com algemas nos pulsos. O senhor disse que precisava fazer uns telefonemas urgentes. Eu ouvi do outro lado da porta e não pude compreender por que deveria estar tudo bem? Depois da prisão de seu Afonso, com a qual o senhor parecia preocupar-se tanto? Estava falando com Don Peperone, não estava?

Não teve tempo para mais nada. Percebeu o homem aproximando-se furioso e abaixou-se, no momento em que um punho fechado zunia por cima dele. Jogou-se para a frente, atracando-se com o bandido e conseguindo cair embolado no tapete com ele.

— Maldito moleque! Você vai morrer!

Lutando pela vida, Toni teve vontade de abrir numa gostosa gargalhada: ouvia o latido familiar de Chip e uma voz grossa, autoritária, que ordenava:

— Quietos, canalha!

26 — O herói de óculos escuros

Barbosa usava uma gravata novinha em folha.

Sentado na primeira fileira, acariciando o heróico Chip no colo, o investigador mal ouvia o burburinho da multidão que lotava o auditório do Cidinha. Todas as pessoas importantes da cidade tinham comparecido à cerimônia de encerramento das festividades do centenário do colégio, que agora chamava-se Fundação Educacional Professora Cidinha Moura.

Em seu discurso, o prefeito elogiara a excelência daquela escola, que agora prometia perpetuar-se, sob a direção de um conselho de pais e professores.

Na mesa de cerimônias, toda enfeitada de flores, no centro do palco, o prefeito estava sentado à direita do professor Frederico Moura, já perfeitamente recuperado do sério ferimento que tinha recebido no peito, há quatro meses.

Em seguida ao prefeito, sentava-se Gustavo que, nos últimos meses, estava aprendendo a relacionar-se melhor com os alunos. Queria aprender com o professor Frederico e demonstrava grande disposição em modificar-se e compreender a juventude.

Estava aprendendo o que era Educação. E parecia estar compreendendo que, para aprender, era preciso usar o coração.

Sem parar de sorrir, Gustavo lançava olhares interessados para a bela mulher sentada a seu lado. E que mulher! Que heroína tinha sido aquela enfermeira, que o investigador encontrara no subterrâneo da escola, algemada, com o branco uniforme já todo imundo, engalfinhando-se no escuro com um bandido que parecera aliviado ao ser preso e poder livrar-se da fúria de leoa de Marta!

Marta e Gustavo! Poderia ser uma boa idéia... Gustavo estava se esforçando para aprender a ser um bom educador. E parecia esforçar-se ainda mais para agradar a bela Marta. Assim, era possível que os dois não continuassem viúvos por muito tempo, pois Marta parecia corresponder àqueles olhares...

À memória de Barbosa, voltava a madrugada em que levava para casa aquela enfermeira fantástica e o casazinho de jovens heróis, sujos, exaustos, um dormindo no ombro do outro no banco de trás da velha C-14...

Por um momento, recordou-se de alguém que nunca mais estaria numa mesa como aquela. O jovem doutor Laércio Moura, na cadeia na certa por muito tempo, junto com Don Peperone, Zeppe, Giovani, Tadeu, o delegado Mendes e Xavier, os policiais corruptos. Todos agora aguardavam julgamento pelas mortes de Verônica Moura e de um velho mendigo, pela tentativa de assassinato do professor Frederico, por desfalque nas contas do colégio, conspiração para formação de quadrilha, cárcere privado, falsidade ideológica e mais uma meia dúzia de crimes. Pobre da filha do professor Frederico! Havia contado ao policial que aquela educadora era ainda mais dura que o pai e só mesmo passando por cima do seu cadáver Don Peperone conseguira seguir com sua trama...

Lembrou-se da dificuldade que os policiais haviam tido ao tentar enfiar no camburão o corpanzil de Don Peperone... E da surpresa do tal Zeppe, ao ser preso no momento em que chegava ao Cidinha dirigindo uma grande perua que acabara de roubar...

Acariciava ternamente os pêlos limpinhos e escovados de Chip. Aquele bravo cãozinho tinha surgido correndo, justamente no momento em que Barbosa chegava ao Cidinha com Gustavo, que se dispusera a abrir a porta do colégio àquela hora para que os dois tentassem descobrir alguma pista nos papéis do professor Frederico. Chip latia como se pedisse socorro, correndo em direção à escola, voltando, tornando a latir, até guiá-los para a diretoria a tempo de surpreender Laércio em sua luta com Toni. Do pescoço de

Chip, pendia a gravata esfarrapada de Barbosa...

Ah, valente Chip! O cãozinho saía correndo na frente e tinha ferrado os dentes com vontade na canela de Laércio... Em seguida, guiou os policiais para dentro do subterrâneo, e foi Don Peperone que sentiu os dentinhos do cão em sua canela gorda...

Estúpido Laércio! Nem fazia idéia de que sua irmã fora assassinada a mando de Don Peperone, iniciando o plano para construir um shopping center no terreno do Cidinha. Ao ser preso, gritava que não sabia daquele assassinato, mas o bandido não havia hesitado em esfaquear o próprio pai, na noite em que o Velho o acusara do desfalque e comunicara que ele nunca herdaria o Cidinha, porque o colégio seria transformado em uma fundação... Idiota! Se tivesse pago os remédios de dona Clotilde do próprio bolso, em vez de insistir com o convênio médico, e se não tivesse dito "tudo bem" ao telefone, talvez Toni nem tivesse se metido naquela história.

No outro extremo da mesa de cerimônias, seu Afonso parecia ter nova vida. A seu lado, dona Clotilde, sua esposa, na certa estava de mãos dadas com ele por baixo da mesa. Ela agora parecia praticamente curada, depois de quatro meses de tratamento com os tais remédios importados.

Outro casal estava também de mãos dadas sob a mesa. A linda Carla... Como estava bonita naquela noite! Quem poderia acreditar que aquela beleza de garota, de aspecto tão delicado, tão frágil, que acabara de dar um concerto de piano tão aplaudido por todos, poderia ter arranjado coragem para lutar tanto pela liberdade do pai? E lutado até fisicamente, bloqueando a porta do subterrâneo a pontapés, no escuro, para impedir que os bandidos seguissem Toni? Quantos policiais de verdade teriam a coragem daquela menina? De que material era feito um ser humano como Carla?

Entre o velho diretor da Fundação Educacional Professora Cidinha Moura e a jovem heroína, quase colado a ela, estava um rapaz que saía nas manchetes de todos os jornais e já fora entrevistado por todas as emissoras de rádio e televisão.

Alguém que o país inteiro chamava de... Toni! Como um garoto como aquele conseguira fazer tudo aquilo? Como conseguira desvendar uma trama tão perfeita como a que a quadrilha de Don Peperone tinha armado? Como poderia ter percebido os detalhes daquela conspiração sinistra onde nem Barbosa, com toda sua experiência, tinha visto nada?

"Talvez, se eu fosse cego, eu tivesse visto...", pensava o investigador, sentindo a emoção a apertar-lhe a garganta. O auditório inteiro fez silêncio. Aquele era o momento do discurso do professor Frederico Moura.

O Velho fez menção de levantar-se e estendeu a mão esquerda para Toni. O rapaz amparou-o e o velho professor iniciou sua fala, com o braço envolvendo os ombros do jovem aluno.

Já com as primeiras frases, a emoção da platéia começou a crescer ainda mais.

Somente a confiança que toda a cidade devotava à seriedade do professor Frederico poderia anular o escândalo que a imprensa tinha feito com a prisão de Laércio.

E era com essa seriedade, acrescida de uma sinceridade invejável, que agora discursava o velho professor.

Começou pelo relato do idealismo das gerações de educadores que haviam colocado de pé aquele colégio. Todos vibraram com o compromisso de fé no futuro que aqueles ideais significavam e emocionaram-se com a dor de um pai, que chegava ao fim da vida com um filho na cadeia.

— Eu, minhas queridas senhoras e meus prezados senhores... — continuava a discursar com a voz embargada — ... criei um criminoso. Podem os senhores imaginar o que significa, para mim, trineto da saudosa professora Cidinha Moura, não ter conseguido, com as técnicas da educação, fazer do meu próprio filho algo mais do que um criminoso? Meu coração, que por um triz não foi cortado pela faca empunhada por meu próprio filho, chora de vergonha... A todos vocês eu peço perdão pela grande falha em minha missão como educador, em minha missão como pai. Mas, em minha vergonha, quero encontrar compensações. E, como símbolo das compensações que me fazem pensar que valeu a pena ter vivido tão longa vida, tenho aqui, sob o meu abraço, este jovem estudante.

Centenas de pares de olhos fitavam o rosto bonito, meio ruborizado pela homenagem, do garoto de óculos escuros, enquanto o diretor continuava:

— Este é Toni, o rapaz que me salvou a vida para que eu pudesse encarar a minha vergonha, mas cujo desprendimento me dá coragem para enfrentar com otimismo o pouco de vida que me resta. O colégio Cidinha Moura não pôde fazer de meu filho um homem decente, mas, em cem anos, ajudou a tornar cidadãos milhares de pessoas como este fantástico garoto. Quero que Toni se torne o símbolo da nova fase do Cidinha. Uma fase em que a educação de excelência não mais seja encarada como o privilégio apenas de uma elite, mas que seja acessível a todos os jovens. De agora em diante, o Cidinha será de todas as crianças desta cidade, não mais somente das crianças que podem pagar mensalidades. Sempre concedemos algumas bolsas de estudo, mas isso não basta. Agora lutaremos para conseguir recursos que mantenham nossas portas abertas para todos. Como um hospital decente não pode recusar-se a atender quem o procura,

independentemente das posses do paciente, um colégio que mereça respeito é obrigado a atender a quem precisa de educação. Já imaginaram, meus caros amigos, quantos jovens como Toni este país já perdeu, por negar-lhes uma boa educação porque eles eram pobres, porque eles não pertenciam à elite? Quantos gênios que poderiam ter sido novos Einstein, quantos artistas que poderiam ter sido novos Shakespeare estão se perdendo no Brasil por falta de acesso à saúde, à alimentação adequada, à educação?

O discurso do professor foi interrompido por emocionada salva de palmas.

Barbosa não se envergonhava de deixar as lágrimas correrem-lhe pelo rosto.

O ginásio do Cidinha estava uma beleza, decorado para o baile de formatura das oitavas séries.

Com o rosto colado ao de Toni, Carla fechou os olhos, deixando-se guiar nos passos da valsa dos namorados. Rodopiava, embriagando-se ao som de violinos, nos braços daquele fantástico namorado, que a havia conduzido com segurança em tantas ocasiões, e que haveria de continuar a mostrar-lhe caminhos pela vida afora...

Sorria de leve, como se estivesse para adormecer gostosamente, às portas de sonhos suaves, onde o sol e a lua brilhariam juntos e onde a terra estivesse sempre coberta de flores...

Em muitos momentos, também ela havia guiado aquele rapaz e certamente haveria outros em que ele precisaria dela. Mas não é isso o amor? Uma eterna troca?

